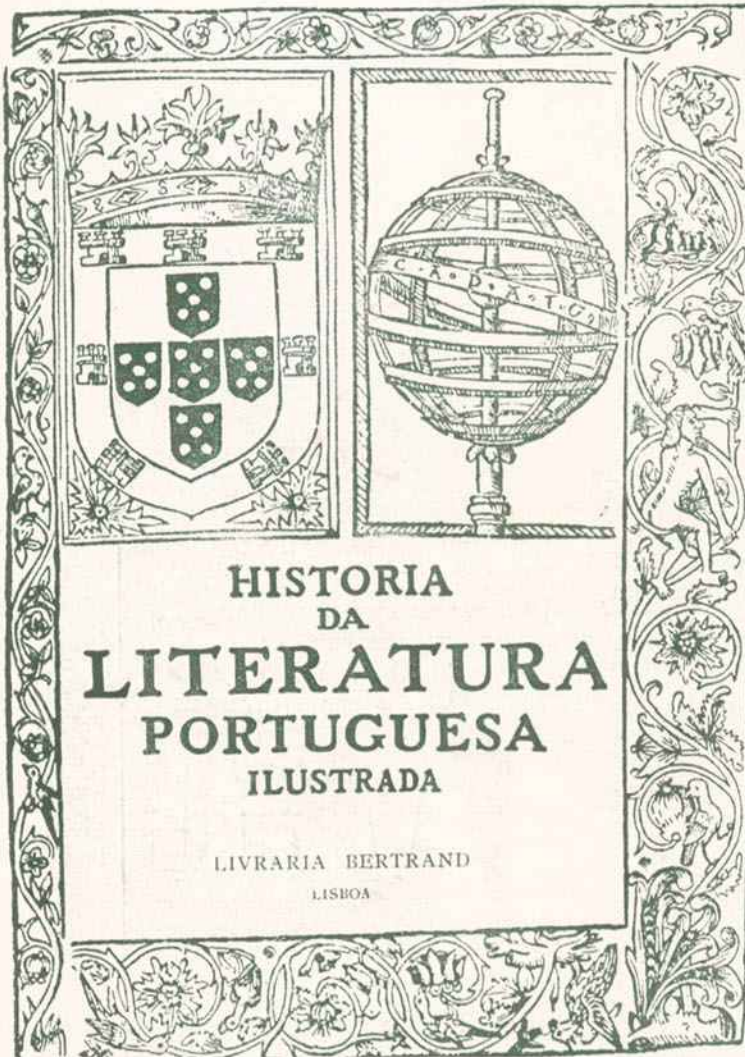


ILUSTRAÇÃO





HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXVI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- FONSO LOPES VIEIRA, escritor.
FONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
GONINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
GONINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
LVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
MOTONIO BAÍLO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
DUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
RITO CAMACERO, escritor.
ARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.
RISTOILLO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
DELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
TOGENTO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
ENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
VALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
ENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
ENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
GAS DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos cronogenicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
F. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VALOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
B. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

**A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32 x 25)

**EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS**

CONTERA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais HORS TEXTE, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

CONSELHOS PRÁTICOS

MANEIRA DE
TORNAR IMPER-
MEÁVEIS AS
ROLHAS DE CORTIÇA

Para tornar as rolhas de cortiça impermeáveis ao álcool e aos ácidos basta mergulhá-las numa dissolução de cautchu em clorofórmio. Esta dissolução faz-se a frio: é preciso pôr depois as rôllhas ao ar, durante algum tempo, para deixar evaporar o clorofórmio.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$50	126\$00
(Registada).	—	67\$50	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	72\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á Academia Scientifica de Beleza — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA



DEFENDEI A VOSSA SAUDE

Atenção, os inimigos espreitam-vos. Elas chegam ao imprevisto. Como uma guarda avançada elles dão signal de si. O vosso estomago não vae bem, a prisao de ventre ameaça-vos, caimbras, azais, somnolencias, enxaquecas, são a vossa sorte quotidiana.

Armai-vos sem tardar contra estes adversarios.

Tomai Eno's "Fruit Salt"

Preparação salina efervescente, exempta de sal mineral purgativo e de assucar. Eno restaura os estomagos fatigados, combate a preguiça do intestino, vela sobre vos como um bom amigo.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã, e à noite.



Depositarios em Portugal: **Robinson, Bardsley & Co., Ltd.**
8, Caes do Sodré, LISBOA.

Confiança!



Pela pureza da sua origem e especialmente pela sua qualidade característica de não atacar o coração nem os rins a

CAFIASPIRINA

é o produto de confiança contra todas as dores.



Não aceite imitações!



PORTUGAL DE ALGUM DIA

por **ROQUE GAMEIRO e MATOS SEQUEIRA**

CENAS, COSTUMES E USOS DE OUTRO TEMPO

Obra em 2 vol., num total de 240 paginas de texto, 122 estampas
sendo 31 a quatro côres e 91 a preto

Reproduções de formosissimas **aguarelas de Roque Gameiro**

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

- | | |
|--|---------|
| a) Pagando por uma só vez a obra | 250\$00 |
| b) Pagando em duas prestações, no principio dos 2 volumes ou seja por ocasião da distribuição do 1.º e do 8.º tomo | 270\$00 |
| c) Pagando tomo a tomo (20\$00 cada) | 300\$00 |

Os tomos serão publicados mensalmente

Pedidos de assinaturas á administração do **"DIARIO DE NOTICIAS"**
na sua Filial, sucursais e agencias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

"Trinta mil por uma linha"

POR **D. EMILIA DE SOUSA COSTA**

Acaba de aparecer este lindo livro de contos com interessantissimas ilustrações
de **ALFREDO DE MORAIS**

O noivo infeliz — A cabicanca — Beijo maldito — Caluberbriga — Oh! meu S. Benedito! Tanto procurou que sempre encontrou! — No reino dos macacos — Lauro é! — O galego espertalhão — A moura Cassima — O sabichão — O irmão burro — Maria da extravagandia.

Preço 5\$00

A' venda na Filial do **DIARIO DE NOTICIAS**, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11
e em todas as livrarias

ACABA DE SAÍR
a 7.^a edição, revista

O último olhar de Jesus

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 375 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' venda a 3.^a edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado **12\$00**
encadernado **16\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND
73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

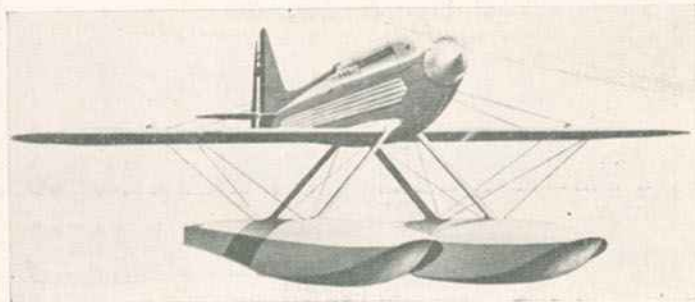
TELEFONE

BERTRAND

2 1368

IRMÃOS, L.^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 LISBOA



AEROPLANOS

657,76 kilometros
por hora

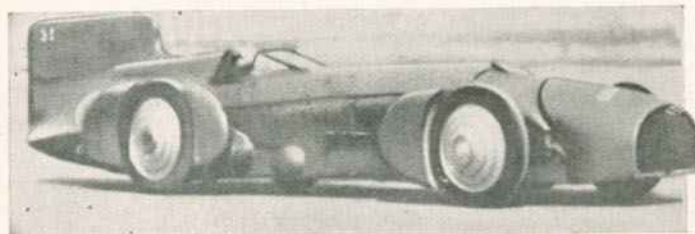
Record do tenente-inglez Stainforth



MOTOCICLETAS

247,959 kilometros
por hora

Record de Mr. J. S. Wright



AUTOMOVEIS

396,423 kilometros
por hora

Record de Sir Malcolm Campbell

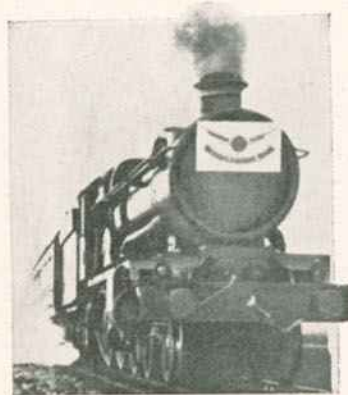


CORRIDAS NAUTICAS

176,990 kilometros
por hora

Record de Mr. Kaye Don

O SEculo XX



CAMINHOS DE FERRO

124,295 kilometros
por hora
Record da Great Western Railway

O século xx é o século da velocidade. **Records** nunca atingidos são o espanto da humanidade, que continua na luta pela eliminação das distâncias.

Nesta página estão algumas das assombrosas velocidades conseguidas ultimamente.

De todas elas, que categorizam e sintetizam a civilização do nosso século xx, a que mais se democratizou, a mais utilitária é a do **telefone**. A eliminação da distância conseguida pelo minúsculo aparelho à secretária de qualquer pessoa, é uma das mais belas conquistas do progresso.

Por isso a rede de Lisboa, cidade civilizada, aumenta dia a dia. Ninguém deixa de ter telefone na sua residência por 50 escudos mensais!!



COMUNICAÇÕES

Instantanea — Eliminação da distancia. *Record* do *telefone* para uso de toda a gente.

Este é um anúncio da

ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE Co. Ltd.

R. Nova da Trindade, 43 — Lisboa
R. da Picaria, 5 — Porto

Crónica da Quinzena

LIMITOU-SE a canícula a semana e meia na entrada de Agosto. Mais nada. Foi um lambisco de calor. A seguir voltou-se ao fresco picante que uniformizou as estações e dissolveu os climas.

O ambiente específico de primavera, estio, outono, inverno, com suas características de temperatura, cores, perfumes, expressas em tudo o que se via à face da terra, homens, animais e coisas, acabou.

Em tempos não muito recessos conhecia-se uma fisionomia e atitude de verão, outra de primavera, diferente da usada no outono e inverno. Desapareceu. E não admira. O céu suprimiu os contrastes. Fê-lo, talvez, por achar aborrecido andar com mudanças de três em três meses. Vai daí os seres vivos imitaram-no.

Apresentam a mesma feição e porte, à mistura climatérica, indistinta, que, de Janeiro a Junho, de Julho a Dezembro, encontram para seu uso.

Nem frio, nem calor, nem seco, nem húmido. Só a outonada agreste, permanente, sem envolver-lhes o corpo.

Foi no que deu o amuo dos astros incumbidos de manter a ordem estabelecida, abrindo e fechando as torneiras reguladoras de ventos, chuvas, neves, trovoadas, granizos, nos tempos e horas prescritas pelo Autor de tudo isto.

Resultou o que era de esperar.

À anarquia nas alturas, sucedeu a anarquia cá em baixo. Usos, costumes, modas, maneiras, perderam o sentido e a memória do que foram.

Parece andar-se à procura de um estilo e ritmo para a vida, empregando-se esforços, expedientes, extravagâncias, sem que se veja por enquanto nada de aproveitável ou consequente. Vai-se à ventura numa extensa viagem-mistério, ninguém sabe para onde, nem para quê. Nota-se, sim, uma tendência. Consiste num certo jeito de regresso ao começo de todos os começos. Adão e Eva pensam em reconstituir o paraíso. Dão mostras disso em peculiares inclinações e preferências.

Querem andar nós, querem que tudo seja de todos, de modo que nada seja de ninguém, para no fim se chegar a não existir alguém e todos ficarem nivelados em ninguém. Parece uma cega-rega? Sim. E dela o termo último seria que toda a Eva se confundiria com todo o Adão. O paraíso da felicidade consistiria em restaurar a vida silvestre, com frutos por comida, toca por morada, cajado por encosto.

Chegar-se-á a tanto?

Há quem reaja. Mussoline, nas praias de seu comando, já ordenou mais parras para cobrir as Evas que se afligiam com o peso de uma. Hindenburgo resolveu castigar os que, nos bosques germânicos, nem sombra dela consentiam. Conseguirão vencer a corrente, reedificando o antigo pudor, ou mistério da forma feminina?

Neste momento a vitória apresenta-se muito duvidosa. Sobre nudismo e comunismo não se deve arriscar parecer, enquanto as forças celestes não resolverem dar o inverno em Janeiro, a primavera em Abril, o verão em Agosto, o outono em Outubro.

O Estoril continua lutando pela liberdade de exposição da forma integral. São elas, é Eva que se bate pelo prestígio da beleza, onde espera encontrar o necessário ao domínio completo e definitivo de Adão. E assim, que valor pode ter a oposição de um sargento-marujo, mandando aplicar as parras às mais onsadas?

Assentes na experiência poderemos convir em que Eva sairá vitoriosa, pois sempre que persistiu se revelou invencível.

Pior que o sargento moralizador foi a baixa de temperatura. E resistiu. Pior que a baixa de temperatura foi a falta de água para beber. E aguentou-se.

Bastou-lhe conservar os admiradores firmes, cada vez mais numerosos, uns de idade, outros sem idade, e alguns de paridade perfeita, contemplando-a de perto, estendidos na areia, ou extáticos na amurada do *Tamariz*, para o corpo que a senhora Mãe Natureza lhe deu, se apresentar o mais desnudo possível. As riscas no terço médio, em listrões de zebra, a várias cores, não estorvam os fins de guerra premeditados.

Para o Sargento Moral levar a melhor terão de armá-lo de metralhadora.

* * *

Terminou em apoteóse o torneio do pedal. Desde a batalha de Ourique, nada de apar com êste sucesso se regista no mendinho reino de Afonso, filho de Henrique de Burgonha.

Tantos portugueses, a conhecer e celebrar um feito, nunca se viu. Pode afirmar-se que só os de mama e os dementes deixaram de aprender o nome e qualidades de dois moços, ligeiros, nervosos, audazes, postos a correr sobre duas rodas, em volta de Portugal, na disputa de qual chegaria primeiro algures.

Nem o Gama, nem Pedr'Alvares, no re-

gresso das suas jornadas, ouviram tamanho coro de louvores.

Assentemos, pois, em que esta era difere das anteriores num ponto fundamental, por muito boa gente considerado de valor supremo na constituição e tonus dos organismos colectivos, no género das nacionalidades. Consiste na descoberta de um entusiasmo, ou motivo de interesse, comum ao total dos habitantes.

Passou-se pela era da cabeça, em que os pensamentos elevados, expressos em forma bela, constituíam a distinção. Quem os manifestasse, supremos, seria o eleito. O povo não deu importância a êsse modo de concorrer. Os escolhidos desse tempo ficaram de todo alheios à sua memória e simpatia. Os poetas, pensadores, filósofos, oradores, obtiveram entrada em raras orelhas, e não conseguiram reacções vivas de clamor, ou movimento à sua passagem pelos lugares que percorreram.

Houve também a era do braço e da mão, em que se celebraram os dextros em brandir a espada, o taco, a raquete. Nesse tempo esteve em honra a mão de linhas alongadas, a pele fina, a musculatura esguia, ao todo uma certa forma que se considerou devida a cultura apropriada. Usou-se então definir através desse pormenor, a raça de boa marca, o espírito, o sentimento. Chegou a dizer-se: mão elegante, mão fina, mão inteligente.

O povo não entendeu. E por essa parcela do corpo, como síntese de valor e motivo de admiração, ninguém o ouviu pronunciar-se, por grito tirado com gana, do íntimo da entranha.

Apareceu, enfim, a era do pé que bate na bola e carrega no pedal. E o milagre de acardar um povo para a vibração plena do ser, operou-se por modo tão decisivo e completo que faz lembrar um acto de genesis, a criação súbita de uma colectividade pronta a manifestar um sentimento uno e acorde.

Demos então graças ao pé e perna que nos trouxe o que nem a cabeça, nem a mão e braço foram capazes de conceder-nos. E aceitemos a era do pé como a do ressurgimento. Assim o quiseram os homens, assim o acompanham as mulheres que, começando por desnudar a perna, breve decidirão impôr-se pelo resto, ainda escondido no sapatinho.

E é quanto nos falta para confirmar o distintivo da época corrente. A Eva descalça e vitoriosa será a última conquista a registar para que o título da era quede inabalável.

Samuel Maia

O XIII CONGRESSO DA F. I. D. A. C.



O GENERAL WHITE, PRESIDENTE DA FIDAC, DEPOŊO NO PEDESTAL DO MONUMENTO JOS MORTOS DA GRANDE GUERRA, DUAS COROAS DE FLORES



O MINISTRO DA GUERRA CONDOCOHANDO, NO TERREIRO DO PAÇO, A BANDEIRA DA LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA



ASPECTO GERAL DO TERREIRO DO PAÇO DURANTE A CERIMÓNIA DA CONTINÊNCIA ÀS BANDEIRAS DAS DELEGAÇÕES ALIADAS, FEITA PELAS DELEGAÇÕES MILITARES E CONTINGENTES DE TÓDAS AS UNIDADES DA GUARNIÇÃO, ALGUNS DA ESCOLA DE GUERRA E DA CASA PIA, PUPILOS DO EXÉRCITO E POLÍCIA DE SEGURANÇA



GRUPO DOS DELEGADOS ESTRANGEIROS AO CONGRESSO DA FIDAC, QUE ASSISTIU AO DESFILE DOS COMBATENTES NO TERREIRO DO PAÇO, CHEFIADO PELO GENERAL AMERICANO WHITE

ERA quasi noite quando o velho Pedro Lindoso e eu, depois de duas longas horas a cavallo pela serra, chegámos a Castro Laboreiro. O meu projecto amigo, apesar dos seus setenta e três anos feitos, firme na montada como um rapaz, mantinha com aprumo as suas tradições de marialva, mestre de picaria, saboneiro e esporteador dos melhores do seu tempo. Uma leve aragem fazia ramalhar, num cicio brando, a fronde dos castanheiros patriarcaes. O sol, como um disco de cobre em brasa, rolava sobre o frizo rôxo do horizonte. Das bandas de Espanha chegava, às lufadas, um cheiro acre de matto queimado.

— Já não vinha aqui há quarenta anos! — disse Lindoso, numa expressão de melancolia que contrastava com o seu feito ordinariamente jovial.

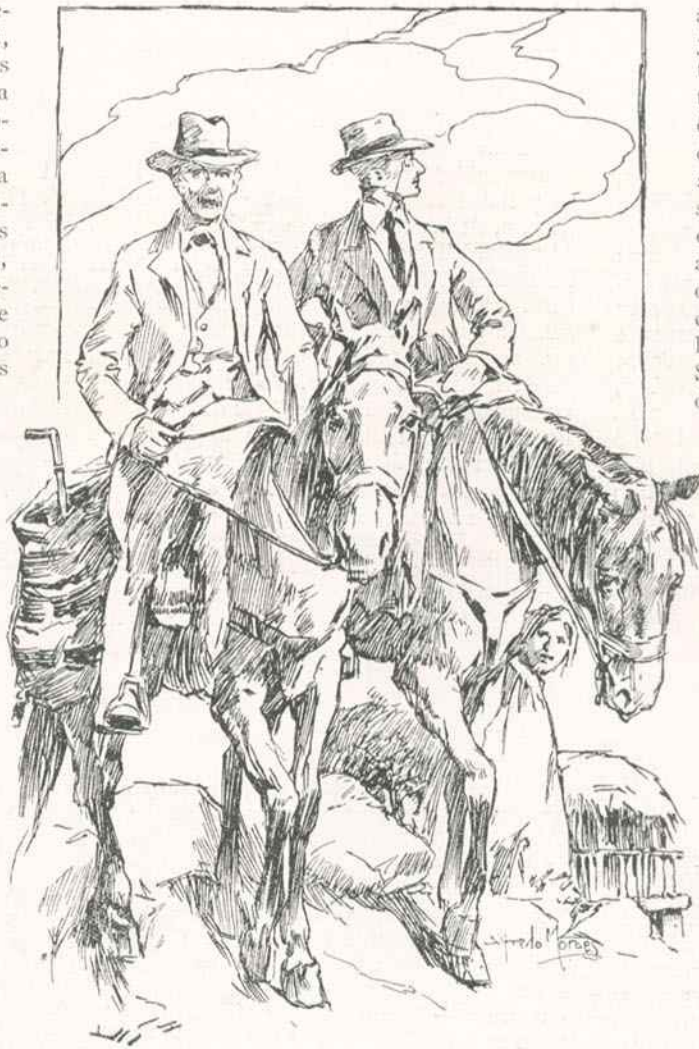
Na volta duma castiniceira brava, as primeiras casas assomaram cabrejando na encosta, tóscas, cobertas de colmo hirsuto, com as suas características varandas debruçadas sobre bárbaros pilares de pedra e as suas lumieiras baixas donde se exalava um bafo morno de curral. Aproximei o cavallo duma das frestas: uma luz de candeia bruxoleava; junto duma mancha ruiva e buliçosa de gado, numa tarimba suspensa, três vultos humanos roncavam, de bôco. Atada pelo cabrêsto a um argolão de ferro chumbado nos pilares de granito, cada casa tinha, espojada à porta, a sua cavalgadura, inquieta sob a mordedura dos tabões e dos moscardos. Aqui e além, uma figura bronca de castrejo, como uma pincelada negra, escoava-se na sombra. Dir-se-ia que atravessávamos um povoado medieval.

— Onde é a estalagem? — perguntou o meu companheiro a uma mulher de capete negro que caminhava ao nosso encontro atrás dum porco gelatinoso e enorme.

— Mais além, na casa do arco.

— Ainda é na casa do arco?

Continuámos a marcha. Descobria-se já, para os lados de Espanha, o clarão da queimada. Da outra banda, vista através da renda negra de um pinhal, a última palpação luminosa do ocaso tinha uma vaga tonalidade de ouro verde. Começavam a ouvir-se uivar e latir os cães, os fortes molossos de Castro Laboreiro, cruzados de cadela e de lobo. Coágulos espessos de sombra davam-nos a impressão inquietante de que atravancavam o



UMA MULHER

caminho. Por fim, parámos diante duma casa maior do que aquelas que tínhamos visto até ali, com telhado amouriscado em vez de cobertura de colmo, uma varanda mais larga sobre cachorros, e um arco de grosseiras aduelas dando acesso a um pátio onde, numa promiscuidade selvagem, à luz duma lanterna, dormiam homens e gado.

— É aqui, que nós ficamos? — perguntei eu, com manifesto desencantamento.

— Se isto ainda estiver como há quarenta anos, hás-de ficar melhor do que julgas, — disse o velho Lindoso apeando-se do seu ruço rodado, que escarvava, castigado dos moscões.

Daf a pouco, amantados os cavalos, eramos conduzidos, a pedido do meu companheiro, ao melhor quarto da estalagem, cujas portas só se abriam, de anos a anos, para receber um hóspede de qualidade. Depois do que vira no pátio, esperava tudo, confesso, menos aquela relativa opulência. Era uma quadra

ampla, caiada, com os cantos, junto à sanca, enegrecidos de teias de aranha, o soalho mal tratado e sujo, e, contrastando com este abandono, dois leitos que podiam considerar-se ricos: um, alto, largo, de bilros, montado sobre estrado de honra de dois degraus e coberto duma colcha antiga de damasco vermelho; o outro, simples barra conventual, com pés de bicho e espaldar entalhado onde se viam as armas de S. Bento, peça talvez proveniente do próximo mosteiro de Fiães.

Tinha sido armada em tempo aquella alcôva — dizia-se — para lá dormir o senhor arcebispo de Braga, em visita pastoral. Sentámo-nos em duas tripeças, abancados a uma mesa tósca de castanho, sobre a qual ardiam os três lumes dum candeeiro de latão. Pedro Lindoso, depois de encomendar ao moço da hospedaria uma ceia frugal de caldo de galinha e brôa, fechou a porta. Quando nos encontrámos sós, disse-me, depois de um momento de concentração:

— Há quarenta anos, neste mesmo quarto, iam-me matando a tiro de clavina.

— A ti?

— Por causa duma mulher. Por pouco não fiquei estendido, como um cão.

Olhei o velho Lindoso. A sua face rapada, dura, de um tom forte de terra de Siena, contrafra-se. Os seus olhos brilhavam. Enrolou um cigarro, acendeu-o, levantou-se, e a passear pela casa, as esporas de ferro de Guimarães tilintando nas sapaterras, contou-me aquella aventura dos seus tempos de rapaz. Tinha pouco mais de trinta anos, em 1892, viera a Castro Laboreiro, com duas pistolas nos coldres e um saco de libras na bôlsa do arção, concluir certo negócio de compra de umas terras que entestavam com a Espanha. O vendedor, um castrejo rico, preparara as coisas para que o fidalgo fôsse bem aposentado, sendo-lhe feita a cama no «quarto do arcebispo», onde já tinham dormido — se era verdadeira a fama — além do antistite, um ministro de Estado e outras grandes personagens. A estalagem do arco era já então o que é agora, com a diferença dos cães, que há quarenta anos formavam uma verdadeira matilha, ululante e feroz, prês de dia aos argolões de ferro do pátio e sôlta de noite para guarda da casa. O próprio «quarto do arcebispo» nada mudara em quasi meio século, conservando os dois leitos, com as suas colchas de damasco, a mesa de castanho em

que havia então um candelabro de prata mareada de dois lumes, e as teias de aranha poçando aos quatro cantos da alcôva, — embora presumivelmente, quarenta anos antes, as aranhas devessem ser outras. O estalajadeiro, homem ruivo, gigantesco, mal encarado como os cães, perguntou ao hospede o que queria para a ceia, e disse-lhe que mandaria a filha servi-lo. Assim foi. Passado pouco tempo (com que comoção éle o recordava!) bateram de mansinho à porta, e Genoveva apareceu. Trazia uma toalha branca e uma malga de caldo nas mãos. Pedro Lindoso ficou tão deslumbrado a olhá-la, que não atinou com uma só palavra para lhe dizer. Era uma maravilha. Não o tipo vulgar das belezas crassamente plebéas, mas a castreja de raça pura, tipo delgado e esbelto, pele suave tocada de tons doirados

como um marfim antigo, olhos enormes que pareciam prolongar-se num traço negro para as fontes, mãos delicadas e brancas, e os peitos fortes arfando sob o gracioso coletinho encarnado que as mulheres da serra então usavam e cuja moda hoje se perdeu. Ninguém a diria filha daquele pai. Enquanto Genoveva punha a mesa, olharam-se ambos, éle em êxtase, ela a furto, perturbada. Quando começou a comer, Pedro pediu-lhe que se assentasse ao seu lado; ela sorriu e recusou. Naquele silêncio, feito de inexplicável ansiedade, cada um dêles tinha a impressão de que sentia bater o coração do outro. A única janela do quarto, debruçada sobre o pátio interior — então cheio de fardos de palha — estava aberta. O vento entrava às lufadas. Como a toalha se levantasse, enfunada pela aragem, a filha do hospedeiro apressou-se a compô-la, e êsse movimento aproximou-a de Pedro. De repente, uma lufada mais áspera apagou a vela acêsa do candelabro de prata. Sem saber como, na escuridão, Genoveva encontrou-se nos braços do fidalgo, debateu-se, ia sucumbir sufocada pela bôca ardente dêsse rapaz de trinta anos, mas resistiu, libertou-se, e desapareceu, descendo de escantilhão a escadeira até ao pátio. Foi o estalajadeiro que veio acender a luz e acabar de servir a ceia. Os movimentos do homem eram bruscos, o olhar desconfiado, e as suas mãos possantes, eriçadas de pêlos ruivos, tinham atitudes de pata de fera. Pedro deitou-se; mas, excitado e receoso, não pôde dor-

mir. A sensação dêsse belo corpo que por instantes palpitará de encontro ao seu, e, mais ainda, o temor de qualquer surpresa, porque o quarto não tinha chave e o estalajadeiro parecera-lhe hostil, não o deixaram conciliar o sono. Atento ao menor ruído, apalpava de vez em quando as pistolas escondidas sob o cabeçal do leito, e, de luz acêsa, tinha os olhos fitos na porta, barricada com as duas tripeças, uma sôbre a outra, para darem sinal. A certa altura, pareceu-lhe que alguém subia a escada. Duas tábuas rangeram; sentia-se, distintamente, o refolegar duma respiração opressa. Pedro aperrou uma pistola, e gritou: — «Quem está aí?» Ferrolhou a aldraba, a porta abriu-se: era Genoveva, descalça, quási nua, um chale preto pelos ombros. Mas as duas tripeças caíram; no silêncio da noite, o

deixou cair a arma, já apontada ao peito do hospede, e murmurou, humilde: — «Queira perdoar. Cuidei que a minha filha estava aqui!»

— Como tu vês — concluiu o velho Lindoso, sentando-se, a enrolar outro cigarro — neste mesmo quarto de estalagem, há quarenta anos, a mesma mulher me ia perdendo e me salvou!

— Demoraste-te ainda?

— No dia seguinte, de madrugada, fechei o negócio com o castrejo, montei a cavallo, e, escoltado por dois criados que éle mandou armar, pus-me a caminho.

— E Genoveva?

— Nunca mais a vi.

— Nem soubeste dela?

— Nem soubê dela. Ah, meu amigo! Quem pudera, mesmo com perigo de morte, mesmo com uma clavina aper-

rada aos peitos, voltar quarenta anos atrás!

Nisto, bateram levemente à porta do quarto. Uma velha entrou, com uma toalha branca e uma malga vidrada de Darque, onde o caldo fumegava. Tinha a cabeça branca, o corpo franzino envoltô no capeirete de lã negra das castrejas, e uns olhos grandes, escuros, porventura restos de antiga formosura. Pedro fitou-a, num movimento de interrogativa surpresa. Depois, enquanto a mulher estendia a toalha sôbre a pequena mesa de castanho, eu e o meu companheiro trocámos um olhar cuja significação

só nós podíamos ter compreendido.

— Vive nesta casa há muito tempo? — perguntou à castreja Pedro Lindoso, cuja voz tremia de comoção.

— Nasci aqui.

— Como se chama?

— Genoveva.

— Não se lembra de mim?

A mulher encarou o fidalgo, que se levantara, olhou-o, tornou a olhá-lo, e respondeu, com uma expressão de naturalidade que nos gelou:

— Não tenho idéa, meu senhor.

Quando Genoveva safu, Pedro Lindoso murmurou apenas, baixando a cabeça, para que eu não lhe visse os olhos rasos de lágrimas:

— Ainda tu dizes, meu amigo, que as mulheres têm a memória do coração!



ruído atroou a casa; ladraram infernalmente os cães soltos no pátio; e, daí a pouco, ouviu-se a voz do estalajadeiro, bradando: — «Genoveva! Genoveva!» Abraçada ao fidalgo, a tremer, a pobre rapariga, que éle, no primeiro momento, suspeitara de traição, balbuciava, numa súplica: — «Fuja, que o meu pai mata-o!» Mas fugir, por onde? Descer a escada era cair nas mãos do estalajadeiro; saltar pela janela, sôbre os fardos de palha, era ser devorado pelos cães, piores do que lobos. Foi então que Genoveva teve uma inspiração salvadora. Quando já o pai subia a escada, ela atirou o chale pela janela e precipitou-se, dum salto. — «Que é de minha filha?» — uivou o estalajadeiro, assomando à porta, de clavina na mão. Mas Genoveva respondeu-lhe, de baixo, numa voz clara: — «Que quer vocemecê, pai?» O homem

A questão do Chaco

ou dois povos que disputam um pantano



UM INDÍGENA DA REGIÃO DO CHACO



OUTRO TIPO DE HABITANTE DO CHACO

que está assumindo. Porque nunca foi maior a inquietação dos povos e a desorientação do Mundo.

A posse do Chaco representa para a Bolívia a possibilidade de comunicações com o Oceano Atlântico, por intermédio do rio Paraguay que é navegável numa grande parte do seu curso. Após a guerra com o Chile, que lhe trouxe como consequência a perda da província de Arica, única comunicação que possuía com o Pacífico, esta necessidade de alargar os seus do-

Os tempos correm cheios de decepções para os idealistas da Paz. Agora mesmo que mais fervorosos são os protestos de pacifismo, por todo o Mundo surgem conflitos, renascem, mais vivos, ódios e rivalidades. A mecânica da guerra é ainda hoje a mesma: um incidente de fronteiras, quantas vezes provocado por inconcessáveis interesses, e eis uma multidão, um país inteiro, que se ergue clamando vinganças, dementado pelo ódio, sequioso de carnificina, possêdo do demônio da destruição. Uma faísca, um nada pode fazer deflagar êsse patriotismo exaltado. E então é a Guerra com todos os seus horrores.

O Chaco setentrional, vasta região desértica e pantanosa encravada entre o Brasil, a Argentina, o Paraguay e a Bolívia, é hoje um desses pontos neurálgicos do sistema nervoso do globo onde a sombra sangrenta da guerra paira ameaçadora.

O conflito não é recente. Há mais de cinquenta anos que êle renasce, periodicamente, das cinzas em que todos o julgam extinto. Mas nunca, como agora, êle revestiu o caráter gravíssimo



mínios nas regiões inexploradas do Chaco até às margens do rio Paraguay tornou-se para a

aos Estados Unidos de fabulosas somas de empréstimos, em grande parte destinados a armamentos, a Bolívia tem toda a sua indústria enfeudada ao capital yankee, em especial as suas minas de estanho cuja produção é absorvida, por inteiro, pelos mercados da América do Norte. É a êsse capital que interessam as comunicações rápidas e económicas com o Atlântico, ainda que ao preço duma guerra que só viria aumentar as dívidas e, portanto, a servidão económica dos países em litígio.

Através das razões de Estado é esse o aspecto da questão que convém ter presente. Sobre o Chaco paira a sombra sinistra do usurário de Wall Street, especulando hoje sobre o trabalho dos mineiros bolivianos e amanhã, talvez, sobre as suas próprias vidas.

Já o canhão e os aviões espalham a morte por essa vasta região que a Natureza desherdou. Tudo parece indicar que nesses longínquos confins da civilização dois povos se preparam para o extermínio sob as vistas impotentes da Sociedade das Nações.

Manuel L. Rodrigues.



HABITAÇÕES INDÍGENAS NO CHACO, ONDE UMA NATUREZA HOSTIL TORNA A EXISTÊNCIA PRECÁRIA



UM ASPECTO DO CHACO, REGIÃO PANTANOSA NO INVERNO E ÁRIDA NO VERÃO



UMA ALDRIA NAS IMEDIAÇÕES DO RIO PILCOMAYO

Bolívia da mais extrema importância. Por seu lado o Paraguay tratou de contestar essas pretensões e o resultado foi estabelecerem-se, frente a frente, sobre um solo que é, alternadamente, pantanoso e ressequido, mas sempre estéril, duas linhas de fortins donde partiram os incidentes que vieram abalar os alicerces pouco sólidos da paz do Mundo.

Mas esta tendência da Bolívia em alargar o seu domínio não resulta duma natural expansão económica. Devedora

QUEM É HITLER

O CHEFE DO PARTIDO «NAZI»

ADOLFO HITLER — hoje uma potência na política germânica — é o chefe do partido nacional socialista, mais conhecido pelo partido «nazi» ou o das «camisas pardas», por usarem os seus homens um uniforme à moda fascista.

Hitler, não é alemão de nascimento. Foi por esse motivo que as leis alemãs não permitiram que ocupasse a cadeira de deputado no Reichstag, onde o seu partido ganhou 107 lugares nas últimas eleições, em contraste com os 12 que anteriormente havia obtido. Nasceu na Austria, perto da fronteira bávara. Tem 42 anos. Aos 16, ficou órfão, e foi para Viena trabalhar como pedreiro. Ao rebentar a guerra, era pintor.

Alistou-se num regimento bávaro e serviu durante quatro anos na frente ocidental. Em

1916 foi promovido a sargento de lanceiros. Em 1917 foi gazado perto de Ypres. Quando da revolução alemã estava internado num hospital, onde lhe foi entregue por um general austriaco a Cruz de Ferro. Em 1920 foi residir para Munich e filiou-se no Partido dos Trabalhadores Alemães. Em 1923 proclamou, com cerca de 100 membros daquele partido, um governo nacionalista e planejou uma marcha sobre Berlim, com o auxílio do general Ludendorff. A manifestação, porém, foi dominada e Hitler, depois de julgado, foi condenado a cinco anos de prisão. Ao fim de três meses, comutaram-lhe a pena. A vida de Hitler de então para cá é conhecida dos nossos leitores, e o futuro da política alemã deve andar a girar nas suas mãos... É questão de tempo... talvez, mesmo, questão de meses...

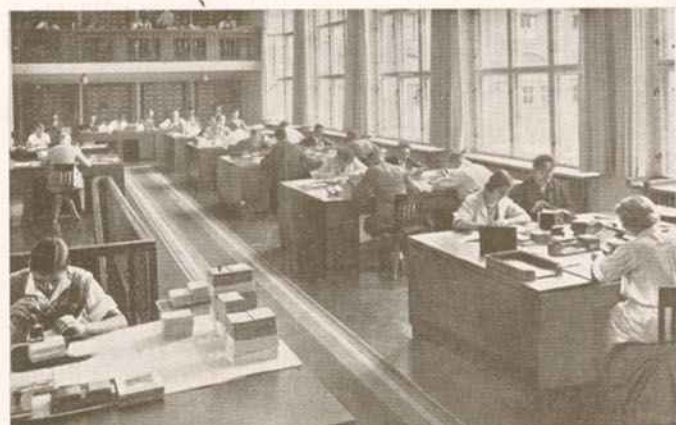


ADOLF HITLER

HITLER TAL COMO ERA ANTES DA SUA EXTRAORDINÁRIA ASCENÇÃO POLÍTICA. A SUA COBERTA «CAMISA PARDAS» — HÁ DEZ ANOS — NÃO ERA AINDA REVESTIDA DA IMPORTÂNCIA QUE HOJE TEM EM TODO O TERRITÓRIO ALEMÃO. HITLER ERA, ENTÃO, O AUSTRIACO INTRUSO QUE OS ALEMÃES OLHAM COM DESCONFIANÇA... EMBORA JÁ VISSEM NELE UM HERÓI!



ASPECTO DUMA SALA DO QUARTEL-GENERAL DOS «NAZIS», CONHECIDO PELA «CASA PARDAS». FICA SITUADO NA BRENNER STRASSE N.º 45, EM MUNICH, EM FRENTE DO PALÁCIO DA NUNCIATURA. NO RES-DO-CÉU ESTÁ INSTALADA A TESOURARIA E O TRIBUNAL DO PARTIDO QUE TEM O NOME LE «USCHLAS» (TERMO ABRIGADO DE DUAS PALAVRAS SIGNIFICANDO INVESTIGAR E DECIDIR). NO PRIMEIRO ANDAR FICA O GABINETE DE HITLER, AS SALAS DE RECEPÇÃO E A CÂMARA DO CONSELHO



À TANTA SALA ONDE TRABALHAM SÓ MULHERES. ESCRIVEM À MÁQUINA E EXPEDEM A CORRESPONDÊNCIA. AO FUNDO VÊ-SE O ARQUIVO DO REGISTO DOS MILHARES DE MEMBROS QUE TEM O PARTIDO. É PARA NOTAR O ACEIO E A LUZ QUE TEM O SALÃO. HÁ UMA DISCIPLINA RIGOROSA. AS EMPREGADAS USAM TODAS O DISTINTIVO DO PARTIDO E ALGUMAS EXIBEM, MESMO, «CAMISAS PARDAS», COMO OS HOMENS. TRABALHAM DEZ HORAS POR DIA



HITLER PRESIDINDO A UMA MANIFESTAÇÃO DOS «NAZIS». A SEU LADO ESTÃO VÁRIOS MEMBROS CATEGORIZADOS DO PARTIDO. ESTA FOTOGRAFIA FOI TIRADA NAS VÉSPERAS DA ÚLTIMA CONFERÊNCIA COM O MARCHEAL HINDENBURGO, CONFERÊNCIA QUE MAIOR PRESTÍGIO VEDAR AO CHEFE «NAZI» E QUE TERÁ, EM BREVE, AS SUAS CONSEQUÊNCIAS...



O SEU GABINETE DE HITLER NO QUARTEL-GENERAL DE MÚNICHA. NÃO SE ENCONTRA UM CINZEIRO. HITLER NÃO FUMA, NEM CONSENTE QUE SE FUME DIANTE DELE. A SUA MESA É DE UM ARRANJO EXCEPCIONAL. POUCOS PAPÉIS, UM CANDIEIRO E TELEFONES. AS PAREDES NUAS E GRANDES CORTINAS NAS JANELAS. HITLER POUCO ESCRIVE. DITA À MÁQUINA AS ORDENS QUE DESEA. RECEBE AS PESSOAS ESTRANHAS COM DUREZA E EMPREGA SÓ AS PALAVRAS NECESSÁRIAS. PARA OS AMIGOS E CORRELIGIONÁRIOS É MAIS EXPANSIVO. É UM DOENTE, UM SEPARATISTA, CELIBATÁRIO E NÃO VIVE COM PARENTE REGULAR. AMA A SOLIDÃO E PROCURA-A CONSTANTEMENTE



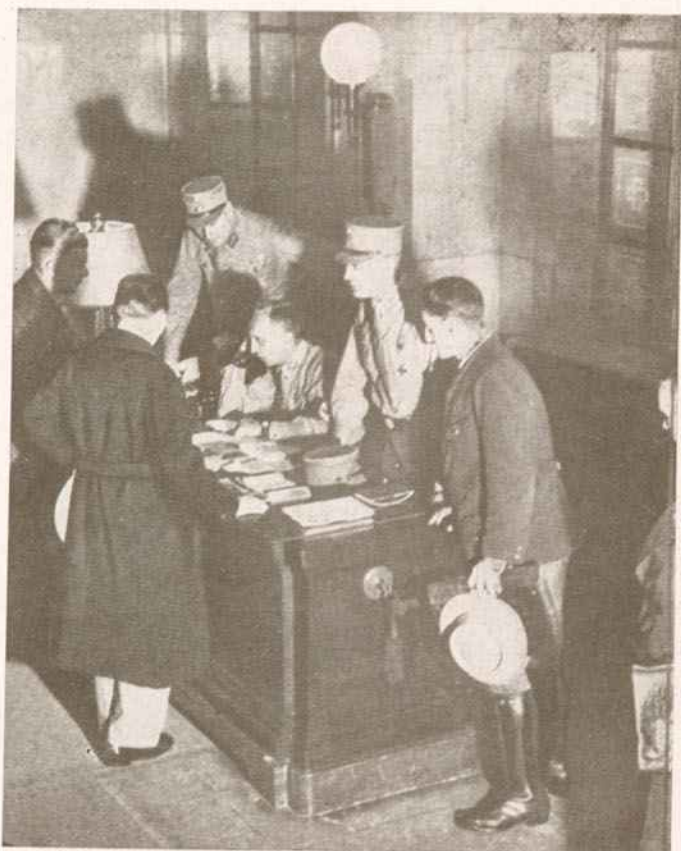
HITLER SAÍDO, COM O SEU SECRETÁRIO PARTICULAR, DA «CASA PARDAS». AO FUNDO VÊ-SE O ESTANDARTE COM O EMBLEMA «NAZI». HITLER NÃO LARGA A SUA «GABARDINE» NEM O SEU «STICK». FAZEM PARTE DO SEU FARDAMENTO...



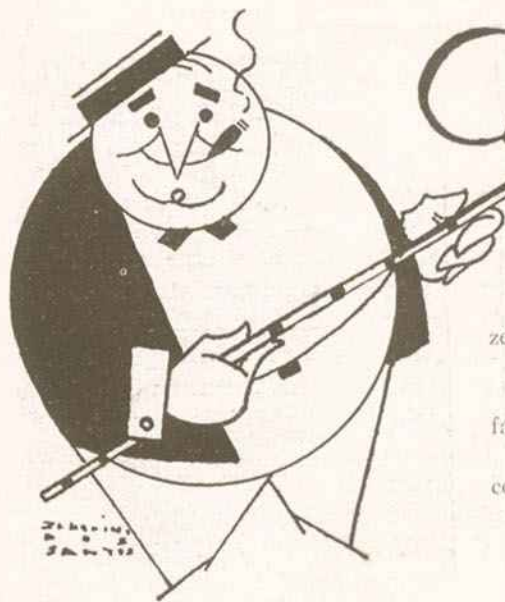
QUANDO HITLER FOI A STUTTGARTE, A REACÇÃO QUE LHE FIZERAM FOI IMPONENTE. ASSISTIU A UMA PARADA «NAZI» EM QUE ENTRARAM CÉRCULA DE VINTE MIL «CAMISAS PARDAS». HITLER, ENVERGHANDO A SUA ETERNA «GABARDINE» AMARELA, TEM SEMPRE UMA EXPRESSÃO DURA E FRÍA. A SUA VOZ, UM POUCO ROUCA, FAZ-SE OUVIR SÓ PELO MICROFONE. OS SEUS OLHOS AZUIS TEM EXPRESSÃO, EMBORA HAJA CONSTANTEMENTE SEVERIDADE NO OLHAR. É AFECTADO NO TRATO, EMBORA O SEU CORAÇÃO SEJA ABERTO E LEAL. A SUA ÚNICA PREOCUPAÇÃO É O SEU PARTIDO E O FUTURO DA POLÍTICA ALEMÃ. NÃO FALA DE POLÍTICA SE NÃO AOS SEUS PARTIDÁRIOS



HITLER, AO ABANDONAR UMA CASA ONDE SE REALIZOU A REUNIÃO SEMANAL DOS «NAZIS», É DEBILADO, COM SURPREZA, POR UMA CRIANÇA QUE LHE OFERECER UM RAMO DE FLORES.



A INSCRIÇÃO DOS NOVOS ADEPTOS FAZ-SE NO QUARTEL-GENERAL COM TODOS OS RIGORIS. É NECESSÁRIO TER UMA VIDA EXEMPLAR. EXIGEM CERTIFICADOS E PEDIM E MANDAM TIRAR INFORMAÇÕES



à pesca

UMA conversa histórica:
Pedro Álvares Cabral dizia a
Cristóvão Colombo:

— Não se apoquento por não ter descoberto o Brasil. Também eu não ganhei a volta a Portugal em bicicleta.

— Por quem estás tu de luto?
— Por minha sogra.
— Mas ela ainda não morreu.
— Pois é por isso mesmo.

Encontrei várias vezes o meu amigo Lopes com um pedregulho debaixo do braço. Um dia, interroguei-o:

— Para que andas sempre com essa pedra?
— Isto é a amostra dum prédio que me encarregaram de vender.

— Desculpa, meu caro amigo, mas não te felicito pelo teu casamento. Tua mulher é muito feia.

— Mas tem uma bela alma.
— Então, o melhor, era voltá-la do avêso.

Tenho um tio que é muito económico. Um dia levou um velho sobretudo ao alfaiate, para êle o transformar num paletot.

Quando o foi buscar, perguntou ao alfaiate:

— Sobejou algum pedaço de fazenda?
— Não senhor.

Tempo depois, levou o paletot ao alfaiate para êle o transformar num colete.

Quando foi buscar o colete, perguntou ao alfaiate:

— Sobejou algum pedaço de fazenda?

— Não senhor.

Passados meses, levou o colete ao alfaiate e disse-lhe:

Agora quero que me transforme êste colete num sobretudo.

— Porteira, que barulho é êste?

— É o professor de hipnotismo, que mora no 3.º andar, que está há duas horas a procurar convencer a mulher a deixá-lo sair.

— O teu irmão mudo, morreu?

— É verdade.

— Coitado!...

— Tão inteligente, tão trabalhador, tão bom...

— Só lhe faltava falar...

Digam o que disserem, o homem está muito bem feito. Vejam lá, por exemplo: se os cabelos, em vez de crescerem para fora, crescessem para dentro, faziam-nos cegos nos miolos e passávamos a vida a rir!

Dois amigos encontram-se na Rua do Ouro:

— Estás muito mais magro!

— Acabo de regressar das águas. Estive lá um mês e perdi dez quilos.

— Vou mandar a minha mulher passar lá seis meses.

— Seis meses?

— É que ela pesa sessenta quilos...

Dois judeus vão tomar banho a Algés e, apostam vinte mil réis, a ver qual está mais tempo debaixo de água.

A polícia procura os cadáveres.

— Eu e minha mulher dormimos numa cama tão estreita que, muitas vezes, eu levanto-me de noite e ela pergunta-me:

— Onde vais?

E eu respondo:

— Estou a voltar-me para o outro lado...

— Pois é verdade, meu querido amigo; há um homem tão parecido consigo que, sempre que o vejo, me confundo.

— Espero que não lhe tenha pago os cem mil réis que me deve...

Entre vizinhas:

— Disseram-me que viram ontem o seu marido com uma navalha na mão e a deitar espuma pela bôca.

— É verdade. Estava a fazer a barba.

Duas amigas conversam no Estoril:

— E não gostas de meu irmão?

— Para primeiro marido, não me parece mal.

Na estação do Rossio:

— Que bilhete tiras para o Pôrto?

— Um de segunda, ida.

— Pois eu tiro de ida e volta, porque sai mais barato.

— Então tira também para mim, mas não digas nada, porque eu não volto.

O pai prega um sermão ao filho miúdo:

Pai: — Se fôres mau, irás para o inferno.

Filho: — E se fôr bom?

Pai: — Irás pra o céu.

Filho: — Então, o que é preciso fazer para ir ao Jardim Zoológico?...

Um viúvo inconsolável, encontrando-se em precárias circunstâncias, viu-se obrigado a vender a trança de cabelo da defunta espôsa.

Quando voltou de realizar a operação, vinha tão choroso que, uma vizinha, disse-lhe, para o consolar:

— Compreende-se a sua dôr. Ter de se separar duma tão preciosa recordação.

— Não é isso, minha senhora; eu choro por pensar que, tendo-me dado êles dez mil réis, só pelo cabelo, quanto é que não me teriam dado por ela, quando estava viva...

A GRANDE GUERRA



Os livros da guerra são ainda hoje — passados 14 anos — lidos e procurados. Entre nós a literatura sobre o conflito europeu é, relativamente, grande. Agora apareceu no mercado mais uma obra: «Visão da guerra». Assina-a Lapas de Gusmão, que fez as duas campanhas: a de África e de França. Trata-se dum volume curiosíssimo e que merece a leitura daqueles que desconhecaram o que foi a chamada Grande Guerra.

DE LUTO



Em plena mocidade faleceu, há dias, a sr.^a D. Sylvia Israel d'Esaguy, esposa do nosso brilhante colaborador e distinto médico sr. dr. Augusto d'Esaguy, a quem apresentamos sinceras condolências.

UMA NOVELA



Tomé Vieira — nome conhecido no jornalismo diário, onde se queimam nervos e energia — roubou uns dias à sua profissão e escreveu uma novela: «O amor e a lama». Não é neste lugar que se faz a crítica da obra. Ela foi feita na imprensa diária por quem de direito. Estas linhas servem apenas para dizer que o acolhimento que o volume tem tido mostra bem o seu valor.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

VISITANTE ILUSTRE



GUARDANDO absoluto incógnito esteve, há dias, no Pôrto, o ministro da Instrução Pública de Espanha, sr. Fernando de Los Rios. Fazia-se acompanhar por sua esposa, pelo sr. Rodolfo Dopis, eminente pedagogo e director do Ensino Primário em Madrid, e por dois secretários. Viajou de automóvel, e procedia de Pontevedra, onde fôra presidir a uma sessão de propaganda pedagógica, na qual tomaram parte milhares de crianças e grande número de professores do ensino primário e secundário daquele distrito da província da Galiza. Falou aos jornalistas portuenses, a quem disse que a amizade luso-espanhola se fortalecia dia a dia, e visitou, embora rapidamente, pois que esteve na capital do norte durante duas horas e meia, a Casa de Espanha, onde se fez a fotografia que publicamos.

TURISMO LUSO-ESPAANHOL



A semana passada esteve em Lisboa a missão oficial espanhola pró-turismo hispano-português. A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol ofereceu-lhe, no «Estoril Palace-Hotel», um banquete a que assistiram representantes de alguns ministros, o embaixador de Espanha e altas individualidades portuguesas. A sobremesa pronunciaram discursos os srs. Fausto de Figueiredo, engenheiro Carlos Santos, Roque da Fonseca, jornalista espanhol Montero, Eduardo Espanha, Bermudes Reyna, Estelrich, engenheiro Branco Cabral, jornalista Augusto Pinto, e, por último, o sr. Embaixador de Espanha referiu-se às vantagens de um inter-câmbio de turismo entre Portugal e Espanha, como elemento de progresso dos dois países.

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO



NA Serra da Boa-Viagem, na Figueira da Foz, juntou-se, há dias, numa festa de confraternização, um grupo de professores primários portugueses e espanhóis. Decorreu muito animada, tendo-se trocado, no final do almoço, alguns brindes afectuosíssimos.

RECORDANDO...



LUCINDA Simões — que a morte arrebatou há anos — será sempre recordada, com saúde, não só pelos que tiveram a felicidade de com ela conviver, como até pelos que só a conheceram de representar. Não pode esquecer mais essa interpretação maravilhosa que a grande artista dava à peça «A conspiradora», de Vasco Mendonça Alves. A plateia sofria com ela, chorava com ela. Vivia esse papel como, aliás, vivem muitos outros. A gloriosa Lucinda é uma figura de teatro que ficará e de quem sempre haverá saudades.

ENTREVISTAS



UMA das novas modalidades do jornalismo é a entrevista. Por elas se pode estudar a história duma época. Pois bem. Armando de Aguiar, repórter cheio de vida, moderno, e que bem depressa marcou um lugar, acaba de publicar um livro intitulado «A ditadura e os políticos». É uma curiosa colectânea de entrevistas feitas com personalidades em evidência.

UM GRANDE AFICIONADO

O conhecido crítico taurino sr. José Pedro do Carmo escreveu no jornal «Vida Ribatejana», um artigo sobre o grande aficionado Joaquim Pedro Monteiro, falecido em 1906. É uma figura saudável da tauromaquia. Foi bandarilheiro-anador e teve lavoura nos campos de Vila Franca de Xira, onde criou gado bravo, chegando a ter uma importante ganadaria. Foi crítico taurino sob o pseudónimo «Zé Cabrestos», e deve-se-lhe, em grande parte, a iniciativa da construção da Praça do Campo Pequeno.

Bufões

Jograis e Bobos

DUAS boas dúzias de palavras sinónimas se encontram nos livros, e os dicionários as registam, traduzindo ou exprimindo uma entidade e uma diversão de passadas eras: — bufão, bobo, jogral, menestrel, anão, maninêlo, truão, chocarreiro, jogrão, embusteiro, trovador, chistoso, proxinela, momo, folião, végete, goliardo, farcista, farçola, pierrot, histrião, tregeitador, palhaço, arlequim, polichinelo, etc. As cambiantes do termo marcam as diferenças do ofício e interpretações.

É que os poetas outrora chamavam-se jograis, ou melhor, os jograis eram os intérpretes dos poetas e sobre os temas que estes lhes forneciam, eles bordavam variações. Lam de castelo em castelo, com as suas canções e as suas cantilenas, e se agradavam eram convidados a ficar. Só tinham o cuidado de agradar e a vida material, que é a sorte comum, passava

por eles como a água passa pelos dedos abertos (1).

Foram verdadeiros arautos da arte dramática e tratar deles é como que abrir páginas de fastos, abordar curiosos registos psicológicos e mentais. Na tela, no livro, no palco eles têm sido fixados, brilhantemente, ou perpassado mesmo em músicas so-



noras. Relembrar este assunto, sem outro intento e mérito que não sejam os de coligir notas e anotações de leituras, referentes a nós e entre nós ainda não, que saibamos, coligidas, parece-me que despertará interesse em alguns. Collecção e documentação para outros se servirem ou quiçá completarem.

O bobo era

uma personagem que fazia parte integrante das côrtes e palácios senhoriais da Idade-Média (476 a 1453). Análizada através dos elementos variados, que reunidos para a apreciação se podem apurar, ressalta curiosa, mais complexa que à primeira vista parecerá, e sempre tracejando uma crítica, que logo desabrocha, envolve e fere. Ela se confundirá com outros entes na diversidade das suas manifestações joviais ou de simples divertimento, mas na essência permanece a mesma, como o aroma que saído da flor a poderá desmerecer, sem contudo à vista a alterar.

Mas se naquele tempo eles brilharam, não se extinguiram; alguns séculos depois a sua influência se fazia sentir, para que não digamos o seu império, que ainda hoje se poderá, talvez, achar subdividido mas manifesto em alguns descendentes... Que eles se chamem *espíritos*, estrangeirismo que Camilo disseco, *engraçados*, ou, em nossos tempos, *piadistas*, e etc.

Era mui diversa a sua veia. Havia-os de

AO LADO:
UM ANÃO

EM CIMA:
O ANÃO E O CÃO

(Quadros de Velázquez)



diferente natureza e meios empregados, se bem que no fundo eles pudessem pedir para si uma parte do *ridendo castigat mores*. Os dramaturgos os trouxeram para a cena e Shakespeare fá-los mesmo pronunciarem, sem o saber, palavras de sentidos singulares⁽²⁾. Essa singularidade não pegou entre nós, nem nunca mesmo se tem adelgado à feição da nossa índole. Pelo contrário, na sua baixeza se vê acentuada em chocarrices plebeias logo nos nossos primeiros homens do alvorecer do teatro⁽³⁾.

Na Lusitânia, desde os primeiros lampejos do raiar da nacionalidade pátria, a sua figura surge e até ao tempo de D. Maria 1.^a encontrei vestígios de rastros de chocarreiros, bastas vezes mesmo assinalando-se vincadamente. Alexandre Herculano — o poderoso e grande polígrafo, historiador e literato, lapidando a palavra como um estatuário — lhe consagrou um admirável romance, célebre, passando-se a acção nos tempos medievais da monarquia, princípios da luta entre o infante D. Afonso Henriques e sua mãe D. Teresa⁽⁴⁾.

EM CIMA:
O ISLÔ REI PRIMO;
AO LADO:
O LOBO DE CORIA
(Quadros de Velázquez)

Mesmo depois, o espírito, ou, melhor, a função jogralesca não desapareceu das côrtes, embora já utilizada por entidades superiores, fidalgos. Aproveitavam-se das suas altas qualidades para *levarem a água aos seus molinhos* quer politicamente, quer para a diversão, e em especial favorecerem as intrigas palacianas. Foi sempre o engraçado quem tinha o

direito de dizer o que lhe aprasia.

D. Carlos I permitia a um conde, cheio de graça, as ironias mais ásperas.

Era um vulto de pouco mais de quatro pés de altura; feio como um judeu, barrigudo como um cônego de Toledo; imundo como a consciência do célebre arcebispo Gólmires e insolente como um vilão de beetria. Chamava-se de

«seu nome Dom Bibas», e conseguiu perpetrá-lo entrando até conquistadoramente na história literária portuguesa.

E, no entanto, com a palheta na mão, o gorro asini-auricular, o gibão de mil côres, e o saio orlado de guisos, eles conseguiram as atenções das donas, receosas da sua maledicência e, dos seus risos, e por isso é desnecessário procurar outros motivos para justificar as suas ascensões, a sua fôrça. É de todos os tempos. Muitos não eram imundos, vestindo-se até com luxo e brilho a aparelhar com as mulheres voluptuariamente adornadas, com o atestam os célebres quadros de Velázquez, que são uma das maravilhas do museu do Prado.

José Parreira.

⁽¹⁾ Sobre os poemas heroicos medievais os curiosos poderão ler as admiráveis *Légendes épiques*, de Joseph Bédier, que refuta, brilhantemente, vitoriosamente, a teoria alemã da arte impressoal.

⁽²⁾ Nas duas encantadoras comédias, *As You Like It* (Como lhes apraiver) e *Twelfth Night* (A décima segunda noite), os seus dizeres se assinalam também pela ligeireza da filosofia. Sem ser preciso citar o do *Rei Lear* — pela profundidade.

⁽³⁾ Confirmação se verá nas chacotas de Gil Vicente e António José (*O Judeu*).

⁽⁴⁾ O *Bobo*, 338 pág. Dêle extraiu Carlos Borges um drama, que foi representado em 1877, sendo o papel principal feito por Joaquim de Almeida. A peça teve simples agrado. Adlocendo o actor foi substituído pelo seu colega Baptista Machado (autor de algumas cenas cómicas engraçadas) e então caíu.

Extraiu-se também um libreto em italiano para uma ópera pelo visconde de Arceiro. Não consegui ainda averiguar se foi realmente composta.





SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS



QUE está numa casa de saúde, em Paris, o dr. Melo Viana, companheiro de António Nobre, Fialho, Marcelino e outros grandes das letras pátrias. Que se cure, fazemos votos. Melo Viana, amigo que muito estimamos, escreve como os grandes de quem foi companheiro e, por isso, que viva muito ainda para que não sofra a bela prosa portuguesa e não se conturbe o nosso coração.

DA Vingança :

Da Vingança o desejo, é de almas pífiás, Que às mulheres, por isso, agrada tanto... escreveu Juvenal. Esqueçamo-las. O esquecimento é uma campa, onde cabem bem a vingança e as mulheres.

O amor é uma psicose? perguntava eu, outro dia, a uma estudante de medicina. Não senhor, responde-me ela. O amor é uma coisa saudável. Ama-se, como se ri e como se chora, como se ambiciona e como se deseja.

Pobre pequena. Não serei eu quem te corte as ilusões. Farabeuf, teu mestre espiritual, não definia a saúde como um estado provisório que não presagiava nada de bom?

DE Gil Vicente há, no *Auto da Feira*, um Denfís Lourenço que

«...não põe cousa a guardar, que a tope quando a cata.»

Pela frente e pelas costas parece-se imenso com uma porção de gente que a gente conhece e que não quer que se saiba que a conhecem. Não somos de intrigas, mas podemos citar cem nomes...

UM poeta grego escreveu que a Razão é uma arma mais penetrante do que o ferro. É. Mas a Ignorância, a Estupidez e a Teimosia, quando não o Orgulho, inventaram couraças que ela não consegue atravessar.

ESQUECE. Esquece o teu Amor, esquece o teu Passado, esquece o teu dia de ontem. A vida é o dia de hoje. Esquece o teu dia de hoje, se puderes. Saber esquecer é uma força e não podem ser felizes os corações que, uma revoada de saudades, acompanha.

MADAME de Sevigné dizia que «quem desejar ter amigos, precisa estimá-los com os seus defeitos». É verdade. Já é uma altíssima qualidade poder pensar como Madame de Sevigné.

DIZ em qualquer passo, Fernão Lopes : «Porque o fruto principal da alma que é a verdade...»

É por isso que as mulheres não têm alma. Ou, se a têm, nunca dá fruto.

LOUIS Hamer, em *L'École des Reporters*, dá uma tão curiosa como exacta definição do jornalista. Diz : «O jornalista é um homem que tudo deve saber sem nada ter aprendido.» É verdade, e tão verdade, que às vezes, depois de vinte



anos de fretes nas gasetas, ainda alguns não sabem nada.

AO ler a *Egyécia Santa Maria*, o poema tantos anos inédito, de Sá de Miranda, nunca posso deixar de rerear a formosa quintilha :

Mas se nos primeiros annos mundanos a perseguiam, depois que os annos corriam por que elles a não seguiam, ella seguia aos mundanos,

maravilha de expressão portuguesa, que me traz sempre à memória a quadra de Fausto Guedes Teixeira, que fala de um cantor boémio que passa :

Fala da Dor; a sua vida é calma, Não há ali coração, há só garganta; Mas que importa, se a voz me entra n'alma, que não sinta se eu sinto o que elle canta.

É penso que são tão grandes os poetas, quando são poetas... verdadeiramente grandes!

DUARTE Fernandes Ferreira, na *Arte da Caça de Altaneria* :

«Então me disse meu pai, por doutrina : — Eu tenho fama de grande caçador, e as minhas aves o mesmo, por andar sempre no campo e lhes mostrar

tudo, que as aves têm umas horas melhores que outras, como todas as cousas.»

É a paciência. O geito virá depois.

BUSCO, de balde, a mulher para quem seja tudo e a quem tudo dê. A sabedoria de um avô, a protecção de um pai, a comunidade de um marido, os laços indissolúveis de um irmão, a ternura de um amante, a ligação de um cúmplice, a amizade de um amigo e companheiro, a lealdade de um bom camarada, amor e ódio, tirania e refúgio, tudo enfim.

É como o não conseguia ando a ver se, com pedaços de alma, componho uma Alma, visto que não posso fazer uma mulher com pedaços de mulher.

Como se não fôsse mais fácil partir a Alma em pedaços do que compôr uma com pedaços dela.

QUANDO se é muito conhecido é um grande alívio estar onde ninguém nos conheça. E não nos fale do que nós estamos fartos de conhecer.

UM velhote bonacheirão e *bon vivant* conta passagens da sua mocidade. Fôra casado e a mulher fugira-lhe, um belo dia, com o seu amigo mais íntimo.

— É V. que fez, ó tio Marcos?

— Ora. Mandeí no primeiro aniversário dizer uma missa.

— Em acção de graças a Deus. Por este me alumiar com a sua Divina Graça, permitindo que ela me fugisse. Deus é pai e sabe tudo. E depois por ela ter fugido. Porque se não, ainda eu hoje a estaria a aturar. Assim, boi sólto, lambe-se todo, e se aquilo não succede, boi seria eu também, mas prêso e sem forças de mecher a cabeça para me lamber.

TENHO escrito que, quando morrer, desejo ser apenas acompanhado pelos dois homens que pucham a carreta. É porque gostei sempre de andar só, em primeiro lugar, e em segundo, porque ainda não é costume ir a gente pelo seu próprio pé.

FITA os teus olhos nos meus. Une a tua boca à minha boca.

É esqueçamos tôdas as tonterias que, sábios e filósofos, têm escrito sobre o Amor.

Porque é tudo mentira. Como o próprio Amor.

*Albino Forjaz de Sampaio.

A morte repentina de Virginia Heriot

ESTA frase: — «Choisir ceci et renoncer a tout le reste» — que em letras douradas, logo que se entrava a bordo do «Ailée» nos saltava aos olhos, denunciando uma vontade tenaz de voluntária renúncia, era a divisa do «Ailée», o emblema que dirigia os destinos duma mulher.

Virginia Heriot — talvez que os que se alheiam do mundo desportivo se interroguem — é um nome que todos conhecem e admiram.

Era o nome da mais extraordinária e arrojada *yachtswoman* da Europa.

«Ailée», «Petite Ailée» e «Ailée VI» são os barcos que Virginia Heriot mandou construir para si aos maiores estaleiros da França sob *maquettes* dos melhores engenheiros do género.

«Ailée» era o palácio, o *foyer* onde a ilustre desportista recebia as homenagens de soberanos e altas entidades dos países em que disputavam regatas, e o «Petit Ailée» 6 m. internacional e o 8 m. internacional «Ailée VI», os barcos de batalha, os heróis que conseguiam em cada regata uma vitória para a França desportiva.

Como delegada oficial do «Yacht Club de France», conseguiu Virginia Heriot, com o seu prestígio, para sócios honorários do seu club os reis da Suécia, da Dinamarca, da Noruega, da Espanha, etc.

Bastante jovem ainda renunciou aos prazeres que lhe oferecia o seu Paris ruidoso, embrenhando-se no mar, permanecendo, não raro, no mar onze meses durante o ano. A que atribuir o seu voluntário isolamento do resto do mundo? Fôra casada. Tinha um filho, quasi um homenzinho, que era toda a sua adoração, mas de quem vivia afastada. No entanto, no «Ailée» lá estava reservado o seu quarto côr lilaz, todo de damasco fino e de rendas.

Que segrêdo vivia nos olhos tristes de madame Heriot, ao mesmo tempo de expressão tão transparente e enérgica?

Que ténpera, que reacção alimentava a sua força?

— Lá fôra sou bem mulher, aqui mantenho o respeito na tripulação com a energia dum homem — dizia, referindo-se à equipagem dos seus barcos, composta por elementos masculinos.

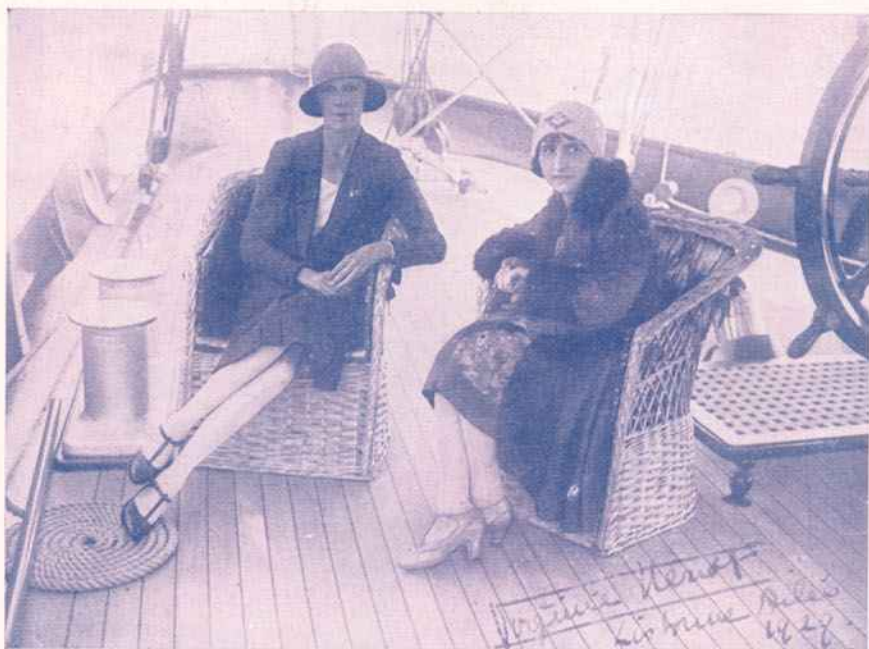
Realmente a sua figura delgada transformava-se, masculinizava-se dentro do calção largo cingido ao joelho pela bota alta de polimento, sob o pesado casaco e chapéu de oleado.

Mas o seu traje favorito, aquele com que aparecia nas recepções a bordo, que usava quando vinha a terra, o mesmo

com que me recebeu a bordo do «Ailée» quando da sua visita a Portugal, onde foi agraciada com a Cruz de Cristo, era o fardamento de sargento-ajudante da Marinha de Guerra Francesa, mas feminino, de saia pregueada. Ostentava sempre na lapela a Legião de Honra com que o Governo do seu país a distinguiu.

O acto da condecoração da distinta *yachtswoman* que se revestiu das praxes usadas em tão solênes cerimónias, causou espanto em Paris por se tratar da primeira mulher a quem concedida tal recompensa.

Mas não só os seus heróicos feitos foram premiados como também o seu altruismo.



FOTOGRAFIA TIRADA EM LISBOA, EM 1929, QUANDO DA VISITA DE VIRGINIA HERIOT. A SEU LADO ENCONTRA-SE A SR.ª D. JUDITH MAGGIOLLY, COLABORADORA DA «ILUSTRAÇÃO»

Duma generosidade extrema, repartia a sua enorme fortuna protegendo e amparando várias instituições, como a de «Socorros a Náufragos», o «Yachting», encorajando e desenvolvendo o amor pela navegação à vela.

Aos alunos de «l'École Navale» e Escola da Marinha de Brest distribuía anualmente vários *yachts* e barcos monotipos para que assim aprendessem a manobrá-los, tal como quem distribui brinquedos a um rancho de crianças.

Fêz vários cruzeiros no Mediterrâneo — o seu *salão de inverno* — e tomou parte nas regatas de Génova, Cannes, Nice, Inglaterra, Boreus, Havre, Deauville, Plymouth, Santander, Bilbao, San Sebastian, sempre aclamada anos seguidos.

Mas a sua mais brilhante vitória foi certo a que alcançou na Grande Regata de Inglaterra (Spithead), onde o seu 8 m. internacional «Ailée VI» bateu o campeão 8 m. inglês «Unity», de Lord Forster.

Em Amsterdam ganhou a «Taça de Itália» contra sete duros adversários de nações de alta reputação em matéria náutica — Inglaterra, Argentina, Estados Unidos, Holanda, Itália, etc. — por ocasião do seu longo cruzeiro a Oslo, Copenhague, Stockolmo, Helsingfors e Amsterdam, donde trouxe as palmas olímpicas.

*

Foi anunciada a morte de Virginia Heriot a bordo do «Ailée», em Arcachon. Dedicara-se ao mar, quis morrer embalada pelo mar.

No seu *palácio*, onde nada faltava, a casa de jantar de requintado gosto onde estava instalado o seu museu — longas vitrines repletas de taças, cento e vinte taças, entre elas a grande «Coupe de França», a «Taça do Rei de Espanha», a «Taça de Itália» e medalhas e lápides e todos os seus trofeus — o elegante escritório com salão de fumo, a sala de visitas, a moderna casa de banho, reina agora o vácuo, a morte.

Quantas cabeças femininas não desejaríamos, nos seus sonhos, o luxo das dependências do «Ailée»? Mas assentes em terra firme, em pleno *boulevard*, dentro de Paris?!

O *boliche* de Madame Heriot era um quarto principesco, um caprichoso ninho azul-claro, de setim azul-claro almofadado de penas.

Recordo ainda ter violado com um olhar indiscreto, um armário que se abria na original decoração que compunha uma linda mobília de quarto, o seu *robe de chambre* de setim branco acolchoado como o *edredon* azul-claro. No seu *boudoir* espelhos, muitos espelhos, perfumes, jóias, *bibelots* e muitas flores.

Enérgica sim, mas pueril! Pueril e delicada como todas!

Tôdas as manhãs, cedinho, entravam para bordo dois cestos cheios de rosas fresquinhas, acabadas de colhêr...

E quando da sua partida, vi Virginia Heriot estender a sua mão esguia e apertar nela as mãos calejadas dum grupo de marinheiros portugueses que, sobraçando molhos de rosas, se iam despedir.

Recordo-me de lhe ter visto os olhos velados por teimosas lágrimas... os seus olhos transparentes que se cerraram já para sempre e que talvez no derradeiro clarão, ao sentirem perto de si o mar — outro favorito — tivessem visionado uma chuva de rosas, de rosas vermelhas, quentes a sangrarem, que lhe cobrissem todo o corpo frio, inerte!

Judith Maggiolly.

A nova Itália



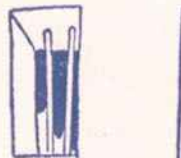
O turista que hoje visite Itália nota-lhe um outro ambiente. A Itália fascista conseguiu dar em todo o seu território um ar de limpeza, de higiene e de beleza. Em todas as «gares» se vêem oficiais irrepreensivelmente vestidos com os clássicos punhais à cinta, e nas ruas os agentes de circulação apresentam-se sempre de fatos brancos e de luvas brancas.

O Atlantico



A travessia aérea do Atlântico continua sendo a atracção dos aviadores de todo o mundo. Coube agora a vez ao piloto Mollisson, que fez um soberbo voo da Irlanda ao Canadá. Mollisson é casado com a célebre aviadora Amy Johnson. A sua saída de Port-Marmock, perto de Dublin, foi presenciada por alguns milhares de pessoas.

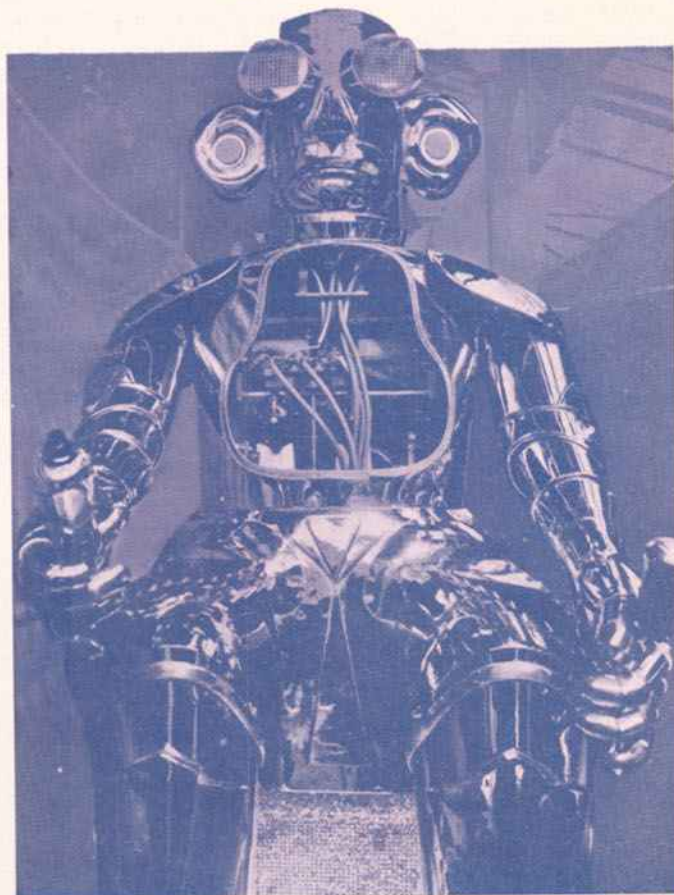
A graça alheia



O ADVOGADO — É POSSÍVEL QUE SEJA ABSOLVIDO. PARA ISSO É NECESSÁRIO QUE ME DIGA TUDO... TUDO!
O PRISO — TUDO... É COMO QUEM DIZ! LÁ ONDE ESCONDE O DINHEIRO É QUE LHE NÃO DIGO.

PELO MUNDO FÓRA

Automato que se revolto



NUMA Exposição de T. S. F. realizada recentemente em Londres, deu-se um curioso episódio. Um engenheiro, que expõe um manequim de aço, ao fazer uma demonstração pública do invento, foi vítima do seu funcionamento súbito. Solto-se uma faísca do monstro e este levantou um dos braços com tal violência que feriu gravemente o engenheiro. A imprensa anunciava o acontecimento com este título: «Automato que se revolto».

A revolta realista em Espanha



Nos primeiros dias de Outubro serão julgados em Madrid mais três generais implicados no movimento monárquico que eclodiu naquela cidade e em Sevilha no dia 10 de Agosto. São eles, da esquerda para a direita: Barrera, Fernandez Perez e Cavalcanti.

Morte de Heriot



VIRGINIA Heriot — ilustre desportista francesa — que nos visitou há três anos, acaba de morrer a bordo do seu hiate «Petite-Aile 7», depois duma curta doença. Na ante-véspera — vê-se na gravura — ainda pilotava, em Arcachon, o seu barco de recreio.

Avião que salta



EM Berlim-Staaken efectuaram-se, há dias, exercícios de aviões. Trabalharam — dizem os jornais — em alta escola. Um deles, saltou, só com 97 metros de partida, por cima duma corda colocada a 20 metros do solo.

Millionária que morre



O dinheiro não dá saúde. Há em vista a morte recente da filha do multi-milionário John Rockefeller e mulher de Mc. Cormick, conhecido pelo «rei da carne», que faleceu num hospital de Chicago vítima dum cancro.

A graça alheia



A DISTRAÇÃO DUM ANTIGO «CHAUFFEUR»

Avião-foguete



O engenheiro Tiling acaba de inventar um avião-foguete. As experiências deram os melhores resultados. A 2.000 metros de altura as asas do avião desdobram-se e o vôo prossegue em linha recta, impulsionado pelo «foguete», até à estratosfera.

Voar! Voar!



EM Paris, a ânsia de voar é tal que, num telhado das Galerias Lafayette, se instalou uma escola de aeronáutica. As inscrições sobem a trezentas, tendo começado no mês passado as lições, que são dadas por conhecidos pilotos. É o primeiro passo para se conseguir o brevet. A gravura mostra-nos o aeroplano-escola.

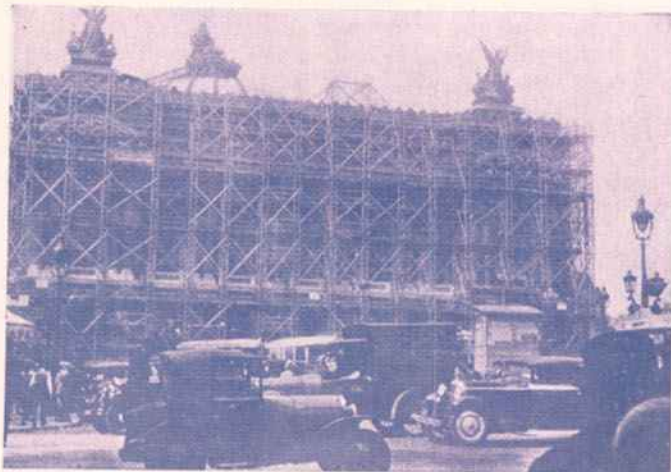
A graça alheia



— SENHORA ENFERMEIRA, O DOENTE DO QUARTO N.º 14 QUIS DAR-ME UM BÉDO.
— SIM? VÁ IMEDIATAMENTE TIRAR-LHE A TEMPERATURA.

PELO MUNDO FÓRA

O verão e as obras em Paris



PARIS — cidade sala-de-visitadas do mundo — aproveitou o verão para limpar as fachadas dos seus edifícios. A grandiosa Ópera — enegrecida pelo tempo — está actualmente revestida de andaimes. A Ópera vai surgir, dentro de dias, branca como jaspe. A Ópera aproveitou também o verão para se lavar, para lavar a cara... a fim de melhor receber as visitas.



Bernard Shaw visto por um caricaturista alemão

O célebre dramaturgo inglês Bernard Shaw — o grande ironista — declarou numa entrevista que concedeu à sua chegada a Londres:

— Os ingleses são uns pobres diabos a quem concedo todo o meu afecto, não sei bem porquê...

E os ingleses riram da frase e vão-lhe consagrando um grande carinho e respeito pelo seu grande talento...

Bernard Shaw é o homem que tem sido mais caricaturado por êsse mundo. Este desenho, dum artista alemão, merece a atenção dos nossos leitores.

Um homem com azas



CHEGOU-SE, enfim, ao sonho doirado de todos nós: Ter azas para voar. Em Munich, um tal Ellyson construiu um aparelho com o qual se pode voar e que só é movimentado pela força dos músculos dos braços. As experiências deram óptimos resultados como mostra a gravura. Chegou a percorrer, no ar, cerca de dois quilómetros.

Clara Zetkin



O Reichstag reuniu, há dias, pela primeira vez, sob a presidência da deputada comunista Clara Zetkin. Sentada na cadeira presidencial, pronunciou em voz baixa, no meio de profundo silêncio, as frases sacramentais do juramento. Em seguida foi calorosamente saudada pela esquerda, tendo a velha militante afirmado que esperava não morrer sem presidir ao primeiro Congresso da República Alemã Soviética.

Mussolini



O Duce tem aparecido nas últimas cerimónias oficiais vestido de branco. Em Itália nem sempre há calor que justifique êsse vestuário, mas o ditador Mussolini quer, dessa maneira, lançar essa moda aos italianos... que usam, como êle, as camisas pretas do fascismo...

A graça alheia



Numa exposição de automóveis: — NÃO DEIXEM SAIR NINGUÉM!



A moda—essa senhora distinta, de quem todas as mulheres são escravas—lançou este ano o pijama como *toilette* de praia e de *sport*.

É realmente um traje original. Dá à mulher um ar alegre e fresco. Torna-a, não sabemos porquê, mais moça, mais infantil. Deixa-lhe os movimentos livres e é—temos de concordar—bastante elegante. Não lhe desenha as pernas nem sequer as mostra. Há quem não seja da nossa opinião, mas o português olha sempre para o que é novo com olhos de censura e de reparo.

Este ano—e já até o ano passado—nas grandes praias, como Biarritz, Deauville, San Sebastian, Lido e noutras, todas as raparigas, após o seu banho, vestem pijama. Com ele, brincam mais à vontade. As fotografias que temos visto, em revistas estrangeiras, mostram-nos pijamas de



todos os feitios e de todos os tecidos. Lá fora não é como em Portugal. O pijama é usado tanto por raparigas como por senhoras casadas. Não há a preocupação da idade nem do estado. É uma moda prática. Portanto, todas as senhoras o vestem, quer sejam novas ou velhas, gordas ou magras, altas ou baixas. A habilidade está em saber escolher o feitio, conforme o físico de cada uma.

Portugal avança na rectaguarda do progresso. As senhoras portuguesas acanham-se de usar seja o que for que possa dar nas vistas, que possa ser notado. Vive-se, entre nós, de se olhar uns para os outros. Preocupamo-nos muito com a vida alheia. É um hábito velho e que não tende a diminuir... antes pelo contrário! As conversas nas nossas praias—e quem diz nas praias, diz no teatro, no cinema ou seja onde estiverem portugueses e portuguesas—resumem-se unicamente a

criticar tudo o que os outros trazem vestido, ou a falar, a propósito de ver alguém, na sua vida passada e a morrer... Mas... Voltemos... aos pijamas...

Nas praias portuguesas pouco aparecem. No Estoril, na Figueira, na Póvoa, é o lá vem um. É um hábito que não «pegou» entre nós. Foi pena. Quando uma rapariga se ajoita a vesti-lo, é quase um escândalo. É olhada com desconfiança e criticada com severidade. Atribuem as culpas do sucedido ao pai, à mãe, ao irmão ou ao marido, se é casada.

E, no entanto, o pijama é inofensivo. Veste bem uma senhora. Guarda-lhe até todas as conveniências.

É modernismo, afirmam uns. É só porque o é, vá de dizer mal e de o afastar das nossas raparigas.

É necessário deixar vir até nós uma onda de progresso. Andamos para trás. Se se substituiu a candeia de azeite pela electricidade, a diligência pelo comboio, este pelo automóvel e ainda o automóvel pelo avião, porque não havemos de deixar passar a época das tarlatañas e dos vestidos para a saia-calção e para o pijama?

Pelas gravuras que acompanham estas linhas se pode avaliar da comodidade que deve sentir uma senhora ao envergar um pijama. É gracioso, seja com jaqueta, seja com camisola de sport... É ainda o maior inimigo do vento—esse massador que também vai passar o verão às praias—e que costuma levantar indiscretamente os vestidos... não dando um instante de sossego e de bem estar às saias, quando se lembra de soprar com violência.

Achamos que as mulheres deviam decretar guerra de morte às saias, principalmente quando chega o verão. Não há nisto a mais pequena sombra de querer que a mulher se masculinize. Antes pelo contrário. Uma rapariga de pijama fica muito mais feminina do que de saias.

Proclamemos o pijama como único traje de praia. Com ele, o aspecto geral dum a mulher é mais interessante. Confiemos na prova. Nas últimas corridas da Maison Lafitte foi época banhar... pois que esta vai a... Que curioso seria fazer no Estoril, por



OS PIJAMAS

trajos de praia e de sport

um concurso de pijamas. É uma ideia a lançar. Aproveite-a, quem a possa pôr de pé. É necessário animar as nossas praias, onde se morre de tédio... a olhar uns para os outros. Após o banho, aficam, rapazes e raparigas, a passear dum lado para outro na areia. Fala-se baixo e nada mais. Não se procure o escândalo e passem o tempo a fazer qualquer coisa que interesse e que tenha, pelo menos, a utilidade de dar cor e animação às nossas praias, tão tristes e tão sem vida.

Em Madrid, a revista *Estampa* organizou, com formidável êxito, um concurso bastante original: o concurso do vestido de quatro pesetas. Movimentou todas as modistas, todas as aprendizas, e levou à Verbena de La Palencia, algumas centenas de raparigas elegantemente vestidas. Assistiram milhares de pessoas. Resultou maravilhosamente. O público ovacionou as 26 concorrentes, que ganharam prémios, e foi uma noite inolvidável para essas pobres raparigas. Inscreveram-se no concurso cerca de trezentas modistinhas. Madrid em peso safu de casa. Foi o caso do dia. Nessas horas, os madrilenos esqueceram as paixões políticas, as agruras da vida, e correram a ver as pequenas que trabalharam, durante noites e noites, na confecção do vestido que tinham de apresentar, tendo só gasto quatro pesetas...

Pois bem. Este exemplo, que apresentamos, pode servir de base para o nosso concurso de pijamas. Mãos à obra, senhores animadores das nossas praias. Tem um ano na vossa frente para o organizar. Não percam tempo. A ideia afica...

Falámos do pijama... A propósito lembramos dizer aos leitores, que em Paris acaba de abrir uma escola para mulheres que desejem dedicar-se a «jockeys». Depois de invadirem algumas profissões masculinas, outrora reservadas apenas aos homens, tornando-se médicas, advogadas, engenheiras, etc., as mulheres querem conquistar, nas pistas dos hipódromos, um lugar que até aqui lhes estava vedado.

Nas últimas corridas da Maison Lafitte foi uma grande surpresa. Apareceram já quatro

senhoras montando garbosamente. A profissão de «jockey»—diz um jornal parisiense—não é das menos perigosas e requer, sobretudo, grande robustez para evitar os inevitáveis incidentes, que, não raro, ocorrem nas corridas.

A escola—já a funcionar—tem sido muito visitada e tem já numerosas alunas. É mais uma profissão que dentro em pouco é roubada ao homem. Demais as mulheres pesam menos... o que é uma grande vantagem para correr a cavalo...

Entre nós, como quasi não há corridas de cavalos, dificilmente veremos esta inovação. De contrário—como o que vem de Paris traz sempre a nota do ineditismo, do sensacional e da novidade, teríamos também, agora, a registar essa nova conquista da mulher.

Paris, hoje, embora dite as modas, não as pode divulgar como o fazem as artistas de cinema. Estas, sim, podem até criá-las. É actualmente quasi um



hábito imitá-las no vestir e no andar... Não há rapariga moderna que não procure pentear-se à Greta Garbo, calçar-se à Nancy Carol. Há uma actriz em Hollywood, de nome Kay Francis, conhecida já pela «mulher mais elegante da América». Ela lança mais a moda do que qualquer grande costureiro parisiense. É claro que a moda no cinema não pode servir de verdadeiro modelo. O exagero predomina.

Nesta página apresentamos cinco pijamas elegantíssimos, vestidos por cinco conhecidas vedetas. Servem, é claro, para os réclames, apenas.

Assim como todos os três meses—e isso já não causa estranheza no mundo cinéfilo—Glória Swanson, para obrigar a imprensa a falar dela, anuncia um novo casamento, assim elas, artistas, em geral, necessitam de se fazer fotografar, seja com que traje for, para melhor exigirem o aumento do *cachet* semanal...

CINEMA

Revista das Estreias

A crítica dum filme estrangeiro tem, entre nós, as funções restritas de orientar o público na escolha dos filmes que convêm ao seu paladar e de contribuir para a formação duma consciência artística entre esse mesmo público.

É mais vasto, porém, o seu papel quando se trate duma produção do cinema nacional. Porque, neste caso, às funções expostas acresce a de fornecer aos produtores uma indicação sincera, dando-lhes o incitamento que merecem e apontando-lhes, com lealdade, os erros que cometeram.

Sempre que é mais elevada a missão da crítica, maiores são também as suas responsabilidades. E da consciência dessas responsabilidades deriva, neste caso, para o crítico a obrigação de ser absolutamente sincero, sem procurar esquecer realidades lamentáveis em nome do sentimentalismo patriota, ou depreciar valores autênticos por comparações injustas com o que se faz no estrangeiro.

Foi convencidos destes princípios que assis-

timos à exibição de *Campinos* e nos dispusemos a sobre ele estabelecer algumas apreciações e comentários.

Campinos é, no conjunto, uma obra irregular. Alguns dos seus elementos atingem por vezes um nível perfeitamente aceitável. Outros há, porém, que desmerecem da obra. Mas essa irregularidade é característica própria de todas as produções do cinema português. Há que buscar explicação para tão grave inconveniente, que pesa como uma fatalidade sobre todos os filmes entre nós produzidos, no facto de não existir em Portugal uma indústria de cinema organizada. O pouco que entre nós se produz é muito na energia dispendida, na vontade requerida para chegar ao termo. E é feito de retalhos, de elementos dispersos, em condições deficientes.

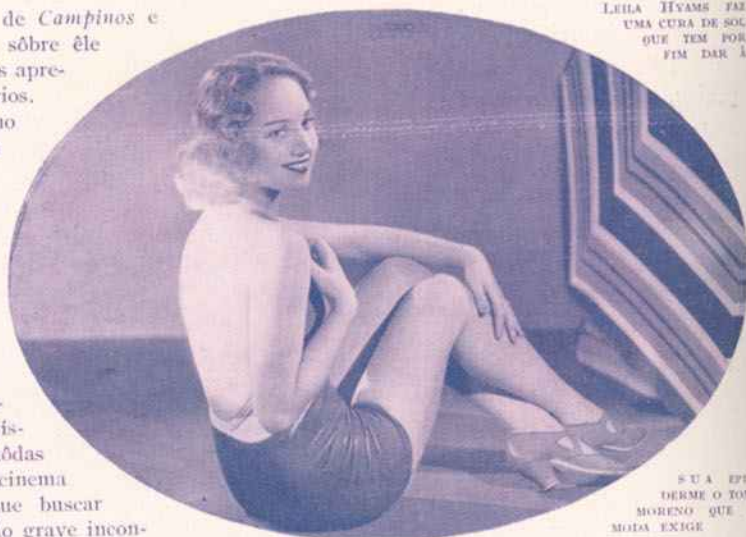
Se aqui e além, numa ou noutra cena, a vontade triunfa dos obstáculos que se lhe opõem, em muitos outros casos são as circunstâncias adversas que têm a supremacia. Daí a irregularidade de que falamos, essa falta de equilíbrio tão fácil de constatar em qualquer filme português, ainda mesmo naqueles que maior número de elementos de valor puseram ao seu serviço. Mas o equilíbrio é a primeira forma da perfeição e não nos deve surpreender que estejamos ainda longe de a alcançar.

Campinos é um filme mudo, mas este facto, que muito o prejudica nas actuais condições de exploração, não deve influir no juízo que dele formemos. A adaptação musical com que se pretendeu suprir essa lacuna — hoje demasiado sensível para um público com três anos de hábito do fonocinema — pareceu-nos pretenciosa, sobretudo na «abertura», que, por outro lado, é exageradamente longa.

António Luiz Lopes concentrou sobre si próprio três difíceis missões — a de argumentista, realizador e intérprete. Vejamos o modo por que se desempenhou delas.

Como argumentista António Luiz Lopes soube escolher o fundo da acção. Num país cujas obras cinematográficas se contam pelos dedos, tudo está, praticamente, inédito no cinema.

LEILA HYAMS FAZ
UMA CURTA DE SOC
QUE TEM POR
FIM DAR À



SEJA EPÍ-
DERME O TOM
MORENO QUE A
MOÇA EXIGE

Era pois amplo o terreno para nele buscar elementos do filme. António Luiz Lopes fez a escolha e acertou. A vida típica do campino, o cenário da planície recortada de água, tudo isso eram magníficos elementos para a criação duma obra de características portuguesas bem acentuadas. Só a intriga é banal e inspira-se de perto nos filmes de aventuras caídos em desuso. Certas cenas, como a da luta, com o episódio da navalha que ambos os contendores pretendem agarrar, acusam a desvantajosa influência dos filmes americanos de há dez anos, sem lhe faltar sequer o tradicional «vilão» e a corrida de perseguição habitual.

Mais difícil, porém, era o seu papel como realizador. Sem experiência dessa arte complexa e subtil, António Luiz Lopes fez o que pôde com uma boa vontade que merece ser posta em relevo. É claro que o seu trabalho, neste capítulo, tem defeitos fáceis de apontar. Falta-lhe, na seqüência das imagens, aquele ritmo que é pedra de toque dos grandes realizadores. O andamento da acção é variável, pouco cadenciado, e o comprimento das cenas nem sempre é o mais conveniente.

Finalmente, como intérprete, António Luiz Lopes fez mais do que dele esperávamos. Tínhamo-lo visto na *Severa* e conhecíamos, por isso, as suas limitadas capacidades como actor. Em *Campinos*, embora sem revelar disposições notáveis, mostra-se-nos mais confiado e, portanto, mais natural.

Maria Helena, que desempenha o principal papel feminino, é uma beleza fotogénica, cujo valor seria apreciável se, à semelhança dos restantes intérpretes, não representasse o seu papel num tom falso. Dina de Vilhena, no papel de mulher fatal, é teatral, exagerada. O seu desempenho poderia servir como charge às *wamps* cinematográficas. Rafael Luiz Lopes, o pequeno artista, tem os favores da plateia. Não é notável o seu trabalho mas o público enternece-se facilmente com as crianças.

A fotografia é irregularíssima. Quasi sempre péssima. Só um ou outro quadro da campina ribatejana abre clareira por entre as imagens deficientes.

Campinos é, em resumo, um filme cheio de boa vontade. Mas é também — e isso é mais importante — uma tentativa que por vezes não anda longe do seu objectivo.

M. L. R.



RUTH SELWYN, UMA CULTORA DEDICADA DOS DESPORTOS

COLLEEN MOORE, A GRACIOSA ATRIZ QUE ESTÁ TENTANDO RE-CRESSAR



1 ACTIVIDADE, MOMENTOS ANTES DO BANHO MATEMATICAL NA SUA PISCINA

nições profundas de Schopenhauer ou Bergson. É tão instável ela é que varia também no tempo, ligada por desconhecida mecânica à evolução das ideias e dos sentimentos.

Aquele episódio dos pastéis de nata que por diferentes modos todos os cómicos exploraram há uns dez ou quinze anos e que fez abalar as plateias com estrondosas gargalhadas, obteria hoje mediocre sucesso.

E quem pode supor o acolhimento que teriam então tido as peripécias, cheias de enervante gravidade, duma contenda entre Laurel e Hardy? Tudo o que diz respeito à própria essência do riso se nos afigura obscuro, de difícil explicação. Como poderemos, por exemplo, explicar que nunca a Europa tenha revelado cómicos de valor? Max Linder é, neste caso, uma excepção, um facto isolado de que não é possível extrair qualquer princípio. Pat e Patachon, os dois cómicos dinamarqueses, ficaram devendo o seu prestígio efémero à *trouville* da sua contradição física, mais do que às suas qualidades. Charlot é inglês, e europeu portanto, mas a sua arte revelou-se e expandiu-se na América.

Em contraposição, a superioridade dos actores cómicos de Além-Atlântico é facto evidente, desde o imperturbável Pamplinas ao Harold dos óculos e das acrobacias. O riso parece ter encontrado aí terreno propício ao seu desenvolvimento e os técnicos de que carecia para se manifestar sob as mais variadas formas. Dir-se-ia que essa civilização jovem, de desenvolvimento demasiado rápido, conserva a frescura da mocidade e da graça, que na velha Europa há muito se transmutou em reflexão e fadiga.

Na América, o cómico dirige-se ao público. O seu fim é provocar a gargalhada ruidosa, espontânea, por vezes brutal. Nunca falha o seu objectivo.

Na Europa, o riso é ironia, sátira, pormenor de observação, «charge» de costumes. Tem todos os requintes da nossa civilização. Mas dirige-se apenas a uma minoria, à *élite* que usufrui essa civilização e esses requintes. Essa minoria não ri; sorri, apenas. É a plebe, a multidão em que repousam os alicerces dessa organização social, que ri, francamente, sem subtilidades. Do que re-

CINEMA O RISO

sulta, talvez, o êxito do riso norte-americano, mais popular e mais espontâneo.

Como dissemos, o riso é indispensável ao homem. Uma gargalhada salutar tem, às vezes, influência decisiva na existência. Para as multidões ele é, por isso, um alimento precioso do espírito colectivo que pode contribuir para a sua saúde moral, como a sua falta pode conduzir à doença.

Talvez um dia os Estados, cónscios do importante papel que lhe cabe, se disponham a sistematizar o seu uso, impondo-o aos povos como um específico contra as suas convulsões, à semelhança dos senhores feudais que faziam representar farsas pelos pátios para gáudio dos seus servos.

Entretanto, o filme cómico continuará a ser a mais curiosa manifestação do cinema e a sua missão uma das mais meritórias. Bem dignos são, pois, da nossa gratidão os artistas do riso, cuja imaginação fértil faz surgir a gargalhada sã que electriza as plateias e as faz esquecer, durante algum tempo, as dolorosas preocupações do momento que passa.



JOAN CRAWFORD, NUM PIJAMA DE PRAIA CHEIO DE ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

FAZER rir é a função mais importante e mais nobre do espectáculo cinematográfico.

Quando um dia a nossa época fôr passada e se fizer a história do cinema, os eruditos que a traçarem não deixarão, decerto, de estudar a evolução do riso no cinema, como um índice exacto do nosso grau de cultura e da nossa psicologia colectiva.

Não esqueçamos, é claro, que o cinema tem outras funções por igual modo importantes a desempenhar. Sabemos que é o mais sugestivo processo didáctico de que o homem dispõe actualmente e que os seus benefícios serão imensos no dia em que os seus recursos forem utilizados. Mas essa aplicação prática da imagem animada e sonora, de excepcional importância para a cultura, não interessa à Arte, porque está fora dos seus domínios. É o mesmo não acontece ao riso, que tanto pode ser ironia demolidora como expressão máxima da tragédia.

O riso, função privativa do homem, parece ser-lhe indispensável. Tem acompanhado a evolução da humanidade e cada época está marcada por uma manifestação sua, desde o bobo medieval a Charlot. Vamos hoje encontrá-lo, em plena pujança dos seus meios, no espectáculo cinematográfico.

Desaparecem, pouco a pouco, das colunas da Imprensa, os humoristas. Vão esquecendo os *clowns* cujas graças ingénuas, pelos circos, arrancaram durante muitos anos, ao público, gargalhadas fáceis. O teatro, como manifestação de arte, tende para o drama ou, pelo menos, para a análise psicológica exaustiva. Fica ainda a revista, é certo. Mas essa só em Portugal faz rir. Lá fora é espectáculo visual de luz e cores, onde o riso cedeu lugar ao prazer dos olhos.

A substituir tudo isso fica o cinema, com os seus «ases» do riso, esses mestres profundos que conhecem os segredos transitórios da comicidade. São poucos. A lista dos seus nomes cabe em curto espaço: Charlot, Buster Keaton, Harold Lloyd, Oliver Hardy e Stan Laurel... E os outros que passaram: Max Linder, Fatty, Larry Semon...

Os seus processos variam de um para outro. Nunca Charlot empregará os mesmos recursos que Harold Lloyd para despertar o riso, nem este se servirá dos *gags* de Buster Keaton. Todos seguem vias diferentes para atingir essa misteriosa essência da comicidade que não pôde ser aprisionada dentro das defi-

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

CALIGARI

ROBERT WIENE anunciou há pouco tempo a intenção de realizar uma versão sonora do seu célebre filme *O gabinete do dr. Caligari*.

Mesmo sem conhecer Wiene, não é difícil adivinhá-lo um audacioso e um insatisfeito. Da sua obra resulta a impressão — que a sua declaração vem agora confirmar — de que ele corre ao encontro das dificuldades e põe uma energia rara em as acumular perante si. De facto, é difícil imaginar problema estético de mais difícil solução do que esse de introduzir sons e palavras na série de imagens de pesadelo e loucura que constitui o filme.

Caligari, na sua versão muda, foi já uma obra de audácia e insatisfação, pela revolta que traduziu contra as concepções rígidas da época. Em Portugal exibiu-se demasiado tarde e por esse facto não foi compreendido. Mas isso não obsta a que tenha ficado como um clássico do cinema, que delimita a fronteira entre o cinema objectivo e o subjectivo.

Nesta versão muda, a estilização dos cenários constituía o principal elemento maneado pelo realizador. Irá Robert Wiene manter no seu novo filme esse mesmo elemento? É pouco provável. O seu efeito hoje em nada se aproximaria do obtido em 1912, quando a pintura futurista atingia o seu apogeu.

Necessário lhe será, pois, encontrar novos meios de sugerir as deformações da loucura, o ambiente fantástico em que evolue esse estranho personagem que Conrad Veidt interpretou magistralmente.

Não é fácil supôr como o conseguirá. E é por isso que o projecto anunciado não é um facto banal.

Pode o novo filme não passar duma mediocre versão do *Caligari* clássico; mas pode também abrir novos horizontes à expressão do fantástico no fonocinema. E é isso o que esperamos d'ele. — M. R.



Tannenberg, o último filme alemão sobre a guerra, evoca uma das mais notáveis fases

do conflito mundial — a campanha da Prússia Oriental, em que duas divisões do exército russo foram esmagadas por uma hábil manobra envolvente do exército alemão.

Um dos aspectos curiosos deste filme é que na sua concepção foram aproveitadas grandes quantidades de película filmada durante a época que agora se evoca e em que figuram, em pessoa, Hindenburgo, Ludendorff e outras personalidades em destaque. Já Léon Poirier adoptara, com êxito, uma ideia semelhante, no seu filme *Verdun*, visões da história.

Nas cenas agora filmadas o papel de Hindenburgo é interpretado por Karl Koerner e a semelhança, entre o marechal e o actor, é perfeita. A censura alemão proibiu a exibição deste filme, que tem acentuado carácter militarista e não oculta os seus fins de exaltar a vitória dos alemães que, nessa memorável batalha de fins de Agosto de 1914, tomaram aos russos 125.000 prisioneiros e 500 canhões.



A capa do presente número apresenta Anita Page, a apreciada estrela da «Metro Goldwin Mayers», numa fotografia que constitui uma homenagem da beleza feminina ao popular desporto que é o ciclismo.



A importante revista francesa *Vu* lançou, num dos seus últimos números, um curioso concurso, que tem por base o famoso fonofilm de Pabst, *Atlântida*.

Consiste esse concurso em apurar o grau de culpabilidade do tenente Saint-Avit, no crime de que é autor, e bem assim, demonstrar a cumplicidade ou inocência de Antinea,



PELE, A MELHORA DO SET
ACTOR 'PREFERIDO'

nesse dramático lance que forma o entrecho do filme.

Esta ideia, cheia de originalidade, dá a medida do interesse que a reposição, no écran, do romance de Benoit, tem despertado em toda a parte. Por isso citamos o facto, e ainda porque, tratando-se duma revista não especializada em cinema, demonstra a importância, sempre crescente, que este vai alcançando junto do público.



A sensacional morte de Ivar Kreuger não podia deixar de excitar as imaginações dos produtores de além-Atlântico, sempre em cata de assuntos de interesse. Prepara-se, ao que se diz, um filme sobre a vida do célebre aventureiro da finança, que terá o título de *O rei dos fósforos*. Fala-se, também, que estão sendo empregados os melhores esforços para convencer Greta Garbo a desempenhar o principal papel feminino. William Warren fará o papel de Kreuger. O filme vai ter um certo carácter documentário e diversas cenas serão filmadas em Stockolmo, numa propriedade que Kreuger aí possuiu e onde viveu algumas fases da sua existência agitada.



São já numerosos os filmes em que a vida dos bastidores de Hollywood é revelada ao público, sempre desejoso de conhecer minúcias sobre a vida animada dos estúdios.

Screen Snapshots, um filme da Columbia, que se encontra em realização, excederá todos os anteriores, pela soma dos seus pormenores. Anuncia-se que revelará ao espectador os segredos da produção dum grande filme, desde o arranjo dos cenários à caracterização, fotografia e registo de sons. Neste ambiente pitoresco e animado tem lugar uma acção simples, que servirá para coordenar a sucessão das imagens.



UM GRUPO DE MOÇIDADE E FRESCURA DURANTE OS ÓCIOS DA FILMAGEM

Concurso fotográfico
entre amadores
organizado pela "Ilustração"



375 — RIO VIZELA — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Pôrto)



376 — PÔRTO DE OLHÃO — (Foto do sr. Henrique João da Cruz — Olhão)



377 — JERÓNIMOS! GRANDEZA! — (Foto do sr. Mário Mascarenhas — Lisboa)



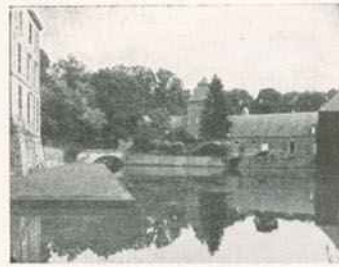
378 — NÃO TENHO PRESSA... — (Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)



379 — TÔRRES E CASTELOS — (Foto do sr. Fernando Batalha — Lisboa)



380 — O NOSSO PAVILHÃO EM PARIS — (Foto do sr. Domingos Machado Pereira — Lisboa)



381 — REFLEJO NO LAGO, PRÉS BOULOGNE — (Foto do sr. José de Almeida Santos — Boulogne-Mér)



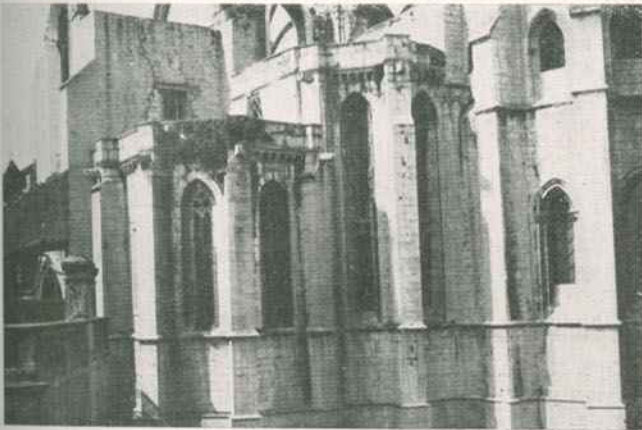
382 — VAGA CINGINDO O ROCHEDO — (Foto do sr. João R. Marques — Luanda)



383 — ILHA DA MADEIRA — (Foto do sr. João Gonçalves de Sousa — Funchal)



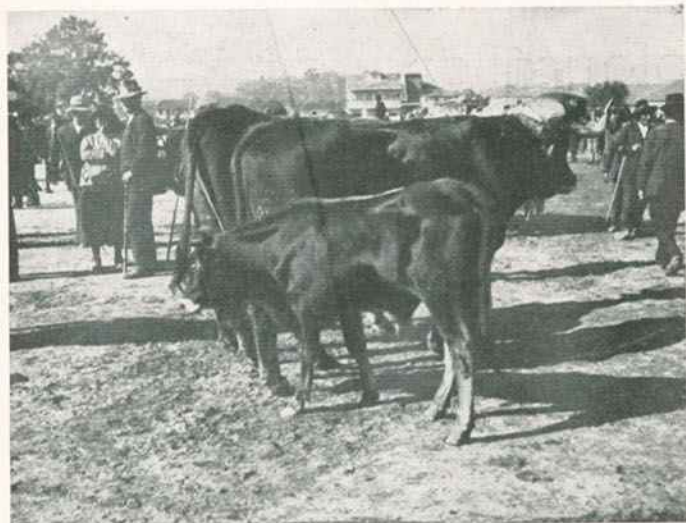
384 — A AVÓ — (Foto do sr. Idevor de Mendonça — Borba)



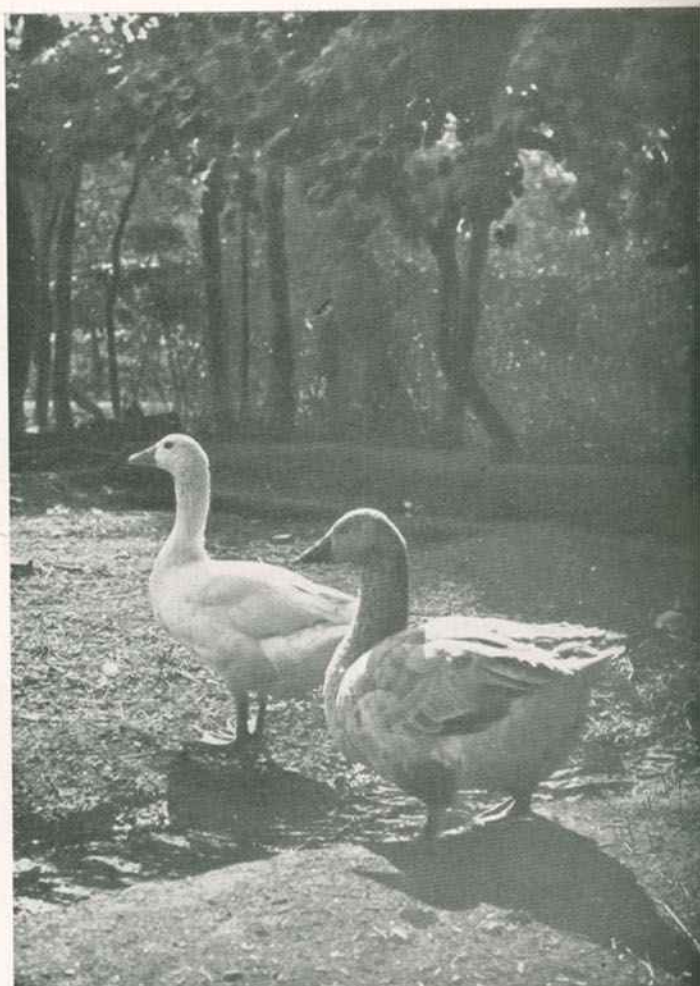
385 — DETALHE DO CONVENTO DO CARMO — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)



386 — RIBEIRA DA LAGE, OBRAS — (Foto do sr. José O'Neill — Lisboa)



387 — EXEMPLARES DO BARROSO — (Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)



391 — FÁBULA... ADÃO E EVA — (Foto do sr. Miguel Ferreira Martins — Lisboa)



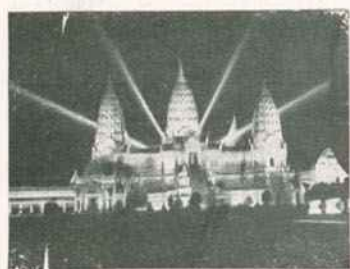
388 — PSEUDO... ESTUDANTE? — (Foto do sr. José de S. Brandão — Lisboa)



389 — FORTALEZA DE S. MIGUEL — (Foto do sr. A. Vale — Luanda)



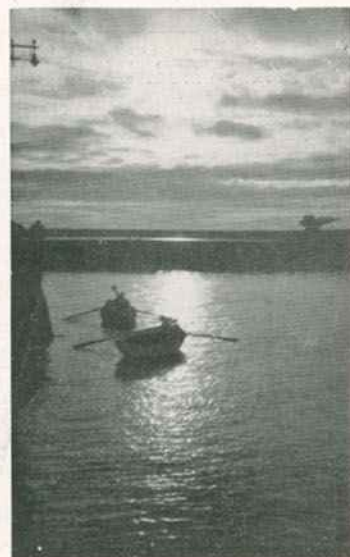
390 — TOMAI LÁ BOLACHINHAS — (Foto do sr. Rafael S. M. Bastos — Porto)



392 — LE TEMPLE D'ANGKOR NA EXPOSIÇÃO — (Foto do sr. José de Almeida Santos — Boulogne-Mér)



393 — PÔR DO SOL NO RIO TEJO — (Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)



394 — CONTRALUZ EM LEIXÕES — (Foto do sr. Mário Silva — Vila Real)



395 — CREPÚSCULO — (Foto do sr. Rui Sena Pereira de Luceria — Lisboa)



396 — VARIAS EM FAMÍLIA — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



397 — UM MOINHO — (Foto do sr. José de Almeida Santos — Boulogne-Mér)



398 — LES DUNES — (Foto do sr. José de Almeida Santos — Boulogne-Mér)



399 — PASSEANDO NO AVE — (Foto do sr. Francisco GH Pinheiro — Santo Tirso)



402 — LUTANDO COM AS ONDAS — (Foto do sr. Frederico Lopes — Açores)



403 — MARÍTIMOS DE CASCAIS — (Foto do sr. Mário Sousa — Lisboa)



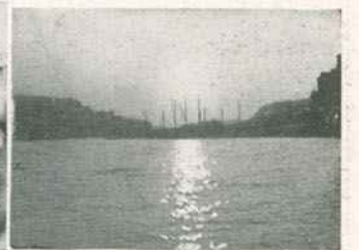
405 — MERCADO DE LÁ — (Foto do sr. Cosar Costa — Chaves)



400 — A TIA IZABEL GAGA — (Foto do sr. Sr. Jaime da Graça Mira — Messines)



406 — A PACIÊNCIA DO BOMEM — (Foto do sr. Domingos Machado Pereira — Lisboa)



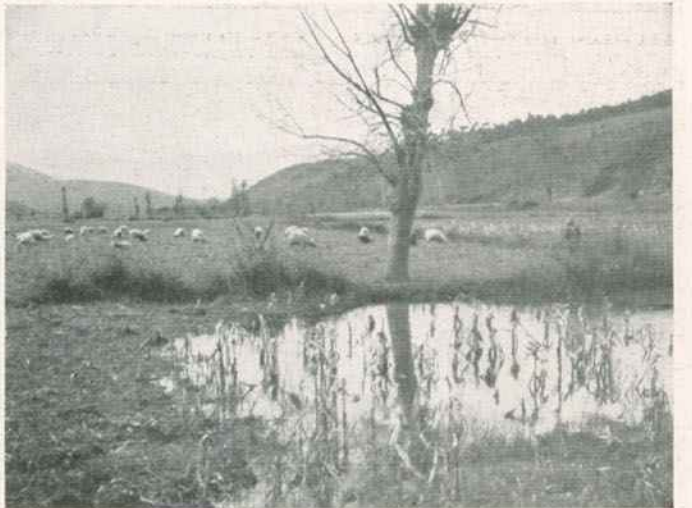
407 — VÉR DO SOL NO DOURO — (Foto do sr. Jacinto Augusto da Conceição — Porto)



401 — ABENHA — (Foto do sr. Ornelas Monteiro — Viana do Castelo)



404 — MARGENS DO TÂMEGA — (Foto do sr. José O'Neill — Lisboa)



408 — PASTANDO JUNTO DA VELHA BRYORE — (Foto do sr. Antonio Silva Salavisa — Castelo Branco)



409 — A PETIZADA DIVERTE-SE — (Foto do sr. Mário Mascarenhas — Lisboa)

AOS CONCORRENTES:

Como dissemos, terminou em 31 de maio último, o prazo de entrega de provas fotográficas para o Concurso, que a **Ilustração** organizou. Temos ainda em nosso poder cerca de 800 fotografias, que serão publicadas até dezembro, depois de seleccionadas.

O sorteio para os prémios — que são numerosos — far-se-ha, conforme se anunciou, pela **Lotaria do Natal**. Entre eles destaca-se um esplêndido **CINE-KODAK** oferta da acreditada **Casa Kodak** que será o 1.º Prémio de Originalidade e Perfeição. Haverá ainda outro 1.º Prémio, chamado **Prémio da Sorte**, para a fotografia, cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com a **Sorte Grande**.



410 — PALÁCIO DA PENA — (Foto do sr. Francisco Ranito Eusébio — Lisboa)



412 — UM ASPECTO DA RIBEIRA GRANDE — (Foto do sr. Zeferino Lucas — Serfã)



415 — CONSTÂNCIA — (Foto do sr. E. Patronilho — Constância)



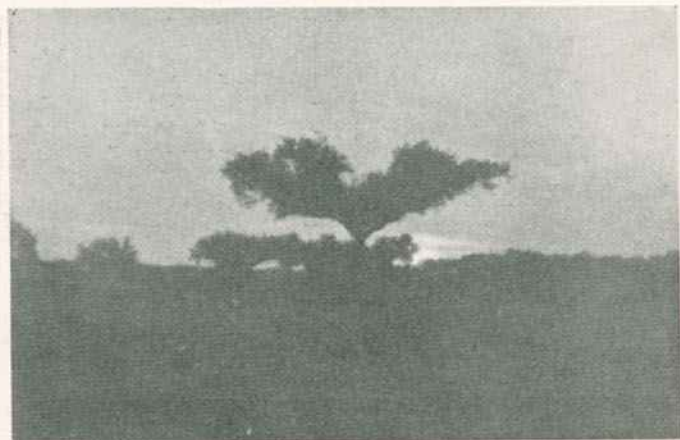
411 — FAÍNA DIÁRIA — (Foto do sr. Gil Braga — Prado)



413 — NA ILHOVA — (Foto do sr. João da Silva Fragoso — Nova Lisboa — Angola)



416 — CREPÚSCULO NA PRAIA — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



414 — ALENTEJO — (Foto do sr. Rui Sena Pereira de Lacerda — Lisboa)



417 — PONTE NO RIO HOMEN — (Foto do sr. Armando Leça — Matosinhos)



418 — L'ALLÉE DES YËES — (Foto do sr. José de Almeida Santos — Boulogne-Mer)

A III Volta a Portugal em bicicleta



ALFREDO TRINDADE, O VENCEDOR DA III VOLTA A PORTUGAL, POSANDO PARA O NOSSO FOTÓGRAFO, MOMENTOS DEPOIS DE FINDA A CORRIDA, PROTEGIDO PELA POLÍCIA E DEUOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS.

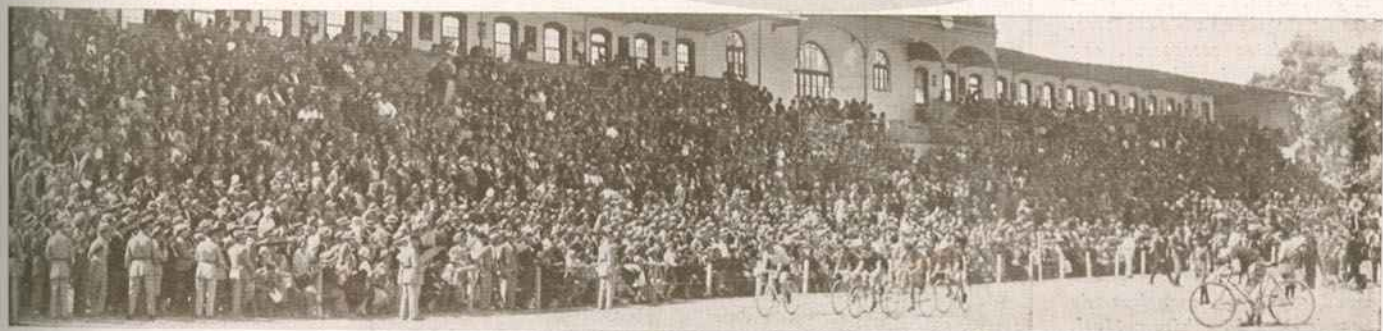


O DUELO TRAVADO NO ESTÁDIO DO LUMIAR ENTRE OS CORREDORES TRINDADE E NICOLAU



TRINDADE ENTRANDO NA PISTA DO ESTÁDIO COM ALGUNS METROS DE AVANÇO SOBRE NICOLAU

A MULTIDÃO — CALCULADA EM VINTE E CINCO MIL PESSOAS — QUE ENCHIA, POR COMPLETO, AS GRADAS DO ESTÁDIO, ESPEROU, PACIENTEMENTE, A CHEGADA DOS CORREDORES, ENQUANTO SE REALIZAVA O GRANDE FESTIVAL DE CICLISMO



As crianças são encantadoras em toda a parte. Mas há um país em que parece que se reuniu toda a beleza infantil, esse país é a Inglaterra. As crianças inglesas são frescas e lindas como raramente se vê nas outras nações, são alegres e, sobretudo, são felizes. A mãe inglesa não é como a mãe portuguesa, que no excesso do seu amor quasi atormenta os filhos, prendendo-os a si, não lhes dando liberdade e tendo sempre o pavor de que lhes aconteça uma desgraça. As crianças em Inglaterra têm a máxima liberdade, o que desde pequeninos lhes dá essa confiança em si próprios, que caracteriza a raça inglesa. Habitados a brincar em liberdade, a sofrer as consequências dessas brincadeiras, as crianças acostumam-se a tomar resoluções e a friamente verem o que lhes convém ou não. Desportivos desde a mais tenra idade, um dos mais belos espectáculos em Hyde Park é de manhã e à tarde, ver crianças montadas em «ponneys» de raça perfeita, num grande à-vontade e com esse ar de satisfação e saúde, que o desporto dá às crianças e aos grandes, quando bem dosado e inteligentemente feito. Em Regent's Park, ao lado do grande lago onde todas as manhãs e todas as tardes afluem os apaixonados do remo, há um pequeno lago, com água pouco profunda e pequenos barcos, uns a gasolina outros a remos, onde as crianças começam a tomar gosto pela «canotage». Esse desporto tão britânico e tão saudável.

Assisti nesse lago a uma cena que faria o terror de uma latina e que a mãe inglesa serviu apenas para dar ao filho uma lição prática. Um bebé de pouco mais de três anos, a quem a mãe recomendara que não se aproximasse muito do lago, desobedeceu e caiu ficando molhado até à cintura. Uma pequenita maior tirou-o daquela situação em que o susto lhe fazia saltar os mais estridentes gritos, e a mãe, que trabalhava num «tricot» a pequena distância, veio sossegadamente despi-lo, e apenas lhe disse: «Aprendeste à tua custa que se não desobedece, e sem um grito sem se zangar, remediou com a maior serenidade o desastre da «toilette» da criança, que, perante tal serenidade, deixou de gritar. Eu pensei o que seria um caso destes em Portugal, que gritos de aflição saltaria a mãe que visse o filho cair à água, ainda que esta só os pés lhe encobrisse, que transportes de alegria ao vê-lo em terra, e, quando estes cessassem, que roda de açoites levaria a pobre criança, que tinha os nervos sacudidos pelo inesperado choque de um banho imprevisto.

Em vez de uma lição teria apenas motivo para ter mais um desequilíbrio nervoso que influiria mais tarde no arrebatamento do seu carácter.

A educação de maneiras da criança inglesa é também notável.

... Vida Feminina

Se uma pessoa crescida lhe fala, imediatamente responde com comedimento, mas com infantilidade. Um lindo pequeno de quatro anos a quem disse num parque que o achava encantador, agradeceu gravemente, e estendendo graciosamente a mãozinha, perguntou-me com atenção: «Como passou?». Lembrei-me do ar bisonho que entre nós tomam as crianças quando alguém, que não conhecem, lhes dirige a palavra, e a atitude conflagradora que tomam que denuncia a desconfiança e a falta de sociabilidade que pela vida adiante conservarã.

Eu gostaria de ver em Portugal crianças saudáveis, alegres e educadas, como as que vi em Inglaterra, brincando e rindo, sem incomodar as pessoas crescidas, e sabendo ter com elas as atenções que devem ter, começando a sua vida respeitando os mais velhos

e sabendo ser crianças. Esta educação depende das mães; é a elas que compete iniciar a criança nas suas obrigações sociais, e acabar com essa frase banal de que são pequeninos e não as devemos machucar. Educar não é machucar, é habituar desde a mais tenra idade a ser um ente sociável e apto a ter utilidade e ser alguém.

Maria de Eça.

Modas

A moda continua de uma elegância sóbria e do melhor gosto. Damos hoje uns lindos modelos de vestidos de tarde. Um deles, de katon, é chamado o «cocktail» diabólico. Em «moirée» preto com cinto de couro vermelho e guarnições em vermelho e prata. A saia cai em «godets». Usado sem a jaqueta pode ser aproveitado para a noite, porque o vestido tem um grande decote nas costas, o que faz com que possa numa noite sem cerimónia fazer uma «toilette» simples. O outro modelo, elegantíssimo, de trocinet, pode também ser usado à noite. Em «chiffon» e setim, o setim é incrustado de maneira a fazer uma espécie de bolero. Os ombros, ligeiramente descuidados, são de uma grande originalidade e graça. De uma faustosa elegância é o vestido

de Lauvin com uma saia compridíssima e rodada e uma enorme laçada. A seda usada é «faille», em azul cinzento. A capa, em veludo safira é forrada do mesmo «faille». É uma novidade interessante, sobretudo para as senhoras que se não penteiam bem, a que lançou Lauvin de umas «toques» minúsculas em veludo da mesma cor do vestido. A que acompanha este vestido é feita de folhas de veludo cozidas todas umas às outras. Os modelos de Lauvin são sempre dos mais graciosos.

O pijama, depois do triunfo nas praias, começa a ter o seu lugar marcado, mesmo em casa.

Pode ser usado de manhã, como «toilette» casaca e de almoço. Em «jersey» de lã azul clara por exemplo, guarnecido a botões de prata é de uma grande elegância. Há um aspecto agarrotado, esse aspecto indispensável para que um pijama caia bem.

O «beret basque» é hoje uma «coiffure» banal à força de ser usado por toda a gente, mas a verdade é que há caras a quem fica maravilhosamente, como a da graciosa rapariga, de que damos hoje o modelo. Os acessórios de «toilette» merecem toda a atenção das mulheres elegantes, e nunca como agora foram tão cuidados. Damos hoje alguns modelos de calçado, de luvas e de meias, essas meias tão em moda no estrangeiro, dessa malha que parece rede de pescador e que certamente com o outono terão de desaparecer da circulação, porque não são utilizáveis no inverno por serem demasiado abertas. O cal-



cado varia também, mas por enquanto usa-se ainda o mesmo, porque no nosso país pode usar-se o calçado de verão quasi até Novembro. A «toilette» continua a usar-se com os chapéus pequenos, o que lhe dá uma graça infinita.

Offícios bem remunerados

UMA das situações mais bem remuneradas que existe é a de censor de filmes cinematográficos. Não se trata de uma posição governativa, porque na Inglaterra não existe oficialmente a censura cinematográfica. Porém, todos os adeptos da indústria do cinema, reconhecendo a utilidade que antes de serem projectadas ao público as películas recebem uma aprovação que as declare idóneas, decidiram há já uns vinte anos, criar um «Colégio dos Censores Ingleses», que ficou sendo remunerado por meio de uma taxa de primeira visão, que os proprietários dos filmes pagam, e que é bastante elevada, porque atinge o preço de cerca de nove libras e meia por cada trinta metros de película. Como se calcula que sejam apresentadas aos censores cerca de 700 películas de longa metragem por ano, além de um notável número de películas pequenas, pode fixar-se em 3.800.000 libras os proventos que vão para a repartição de censura. Compreende-se que ao chefe dos censores se possa pagar um bom ordenado, e, de facto, Edward Shortt, que tomou a vaga ocasionada pela morte de O'Connor, recebe 930.000 libras por ano. Mas o que é interessante para nós é que há também censoras, e que pelo seu senso estético e moral foram escolhidas, e que são também magnificamente remuneradas. É, portanto, preferível a censura voluntária como é exercida em Inglaterra, do que a governativa, que nem mesmo nesse país pagaria assim.

Enigmas da história

HÁ na história de Joana d'Arc um enigma que não foi nunca compreendido. Em 18 de Julho de 1439, a cidade de Orleans fez uma entusiástica recepção à sua libertadora. Isto acontecia oito anos depois da condenação de Rouen. Quem era a mulher que o Município de Orleans festejava como se fôsse Joana d'Arc?

Cinco anos tinham passado sobre o seu suplicio, quando uma estranha voz se propalou em França: a donzela tinha aparecido em carne e osso na Lorena. Efectivamente, em 20 de Maio de 1436, uma jovem apresentou-se em Saint-Brivat, perto de Metz, perante alguns senhores lorenos. Ela afirmava ser Joana d'Arc e ter fugido dos cárceres de Rouen; os ingleses, para não serem desmentidos, tinham-na substituído por outra condenada e tinham-na queimado. De facto, ela parecia-se de tal modo com a heroína, que esses senhores ficaram perturbados. Fizera ir os dois irmãos de Joana, que imediatamente reconheceram a irmã.

Então houve na Lorena uma grande comoção. A aventureira recebeu os maiores presentes. Os senhores cotizaram-se para lhe fornecer armadura, cavalo e armas. A duquesa do Luxemburgo, neta do duque de Borgonha, pelo casamento, querendo apagar a traição de seu primo, o duque de Luxemburgo, que tinha entregado a donzela aos ingleses, chamou a jovem para a sua corte e fez-lhe um grande acolhimento. O duque Ulrico de Wurtemberg proclamou-se seu protector, e, um senhor lorenno, Roberto des Armoisés, casou com ela. Armada dos pés à cabeça, Joana des Armoisés, intrépida cavaleira, combatu no Reno, depois foi a Roma, apresentou-se na Santa Sé, obteve um comando do papa Eugénio IV, depois voltou a França, combatendo contra os ingleses no Poitou e na Guyenne. O rei de Espanha, a seu pedido, enviou-lhe uma esquadra naval. Gilles de Ray, ex-lugar tenente de Joana d'Arc, confiou-lhe o comando das suas tropas. Orleans recebeu-a com grande pompa em 1439. Quem era, na realidade? Para a maior parte dos historiadores era uma aventureira, que, recebida pelo rei, confessou a sua fraude, que lhe valen do Parlamento de Paris a condenação de ser exposta ao público, com um cartaz que dizia a sua impostura. Para muitos era

Joana d'Arc inconfundível pela sua bravura. Este enigma histórico nunca foi aclarado.

O regresso à antiga

NOTOU-SE que as cabeças «à garçonne» começavam a desaparecer nas ruas de Budapeste, e, coisa mais rara, não eram as senhoras de uma certa idade as inficis à moda, que tão rapidamente conquistou o mundo civilizado. Havia a indicação de regresso à trança, não muito pronunciado, mas claro, era um princípio para voltar às graciosas cabeças à «Gretchen». Naturalmente, isto surpreendia, porque era nas raparigas novíssimas, naquelas que se tinham batido com indômita energia até ao dia em que tinham convencido os pais que a moda dos cabelos era uma moda prática e higiénica, que se notava esta nova tendência. O «Pester Gloyd» fez um inquérito de que resultou o saber-se que as autoridades didáticas das numerosas escolas tinham manifestado o desejo de que as alunas renunciassem ao penteado masculino para voltar ao que antigamente se usava e a que se estava habituado a ver nas escolas há séculos.

O que diz respeito ao penteado a usar, os professores limitaram-se a manifestar um desejo. O que foi impiedosamente proibido dentro das escolas foi o uso do «rouge» e do pó de arroz e tóda e qualquer pintura, annunciando os maiores castigos, que poderiam ir até à expulsão, para aquelas que desobedecendo às ordens se quisessem tornar mais brancas de pele, de faces mais rosadas, e reforçassem o vermelho das suas jóvens e lindas bocas. O jornal anuncia, porém, que as cabezinhas com a sua tendência para o cabelo comprido estão muito graciosas, e dão esperanças de que com a rapidez com que o cabelo cresce, em pouco tempo mais belas estarão, guarnecidas com as duas tranças, tradicionais nas raparigas das escolas daquele país. Afirma também que a beleza das estudantes em nada se tem ressentido com a falta do «maquillage», e diz que, ao contrário, mais ressalta a sua frescura e juventude, e que nunca houve tão bonitas peles e côres tão mimosas como as que agora apresentam as raparigas de Budapeste, que foram sempre afamadas pela sua beleza.

Receitas de cozinha

Galinha trufada: — Escolhe-se uma galinha bem gorda. Depois de bem limpa e arranjada, enche-se de trufas inteiras, que tenham estado, por algum tempo, de molho em vinho do Porto. Assa-se na grelha sobre um fogareiro de carvão, durante o espaço de uma hora. De vez em quando rega-se com manteiga derretida, e no fim da operação com duas conchas de caldo forte. É servida com puré de batata em volta, enfeitando a travessa.

Torta alsaciana: — 250 gramas de farinha, 125 gramas de man-



ILUSTRAÇÃO

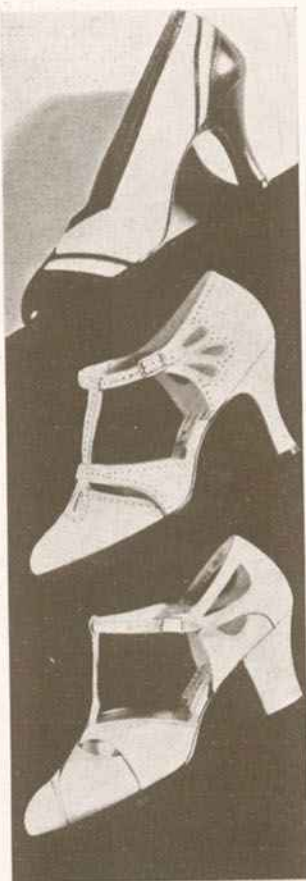
teiga, um pouco de sal, 2 decilitros de leite, 1 ovo; 50 gramas de farinha, 2 decilitros de leite, 200 gramas de açúcar, nata 125 gramas, maçãs um quilo. 1.º — Faz-se a massa com as 250 gramas de farinha, a manteiga, o sal e o leite em quantidade suficiente para obter uma massa que se corte com facilidade. 2.º — Dar-lhe a espessura de 5 milímetros, colocá-la numa forma untada com manteiga. 3.º — Cobrir esta massa com as maçãs divididas em quatro. Levar ao forno dez minutos. 4.º — Tirar do forno e cobrir com o crême feito com o leite, as 50 gramas de farinha, o ovo, o açúcar e a nata. Vai outra vez ao forno e serve-se.

Higiene e beleza

UMA voz harmoniosa e bem timbrada é um dos principais encantos do belo sexo. A voz não é só um dom natural, como muita gente crê, adquire-se com trabalho e estudo, começando muito novas a solfejar, vocalizar e corrigir os defeitos de pronúncia. A rouquidão continua de que sofrem algumas pessoas, provém de vegetações adenóideas ou de paralisia nas cordas vocais. Modifica-se bastante fazendo as seguintes inalações: Fazer evaporar por bastante tempo, a um calor suave, uma quantidade de água a que se tenha juntado a seguinte mistura: Alcoolato de raiz de aconito, 15 gotas; Essência de cravo, 2 gotas; tintura de canela, 2 gotas. Esta inalação torna a voz suave e dá-lhe um timbre muito agradável. É também conveniente dar lições de dicção, para que seja perfeita a emissão da voz. A beleza e a elegância de uma mulher consiste em todas estas pequenas coisas, que a completam e a tornam um ser idealmente perfeito.

Música e dança

PELA primeira vez na história da corte inglesa, sumamente conservadora, ressoaram nas solênes salas do palácio de Buckingham, num baile, (não de grande gala), as notas de saxofone e de outros instrumentos, mais ou menos exóticos, em uso na música moderna de dança. Esse baile foi organizado pela rainha, a qual desejou que



ele não tivesse um carácter soléne. As danças realizaram-se na sala do primeiro andar do palácio, esplêndida sala decorada em 1855 pelo príncipe consorte, e onde se costumam realizar os bailes da corte e as grandes recepções. Os dois tronos dourados foram afastados da sala, e as paredes cobertas de uma deslumbrante decoração.

O rei, pouco amante de danças, não dançou. A rainha e os outros membros da família real inglesa participaram nas danças. Por desejo do príncipe de Gales, o programa da orquestra compreendeu, além de fox-trots e valsas, alguns tangos, dança sua preferida. Nesse baile os homens trajavam casaca, calção curto e meias de seda preta. As senhoras, vestido de baile, mas sem as incômodas plumas na cabeça e as longas caudas de pragmática nos bailes da corte. Foi um baile excepcional na corte inglesa, baile em que se divertiram como qualquer subdito de Suas Majestades.

Passado

NA «Révue de Paris», o conde René de Monti de Razé, que fez parte, de 1868 a 1883, do serviço do Conde de Chambord, publica interessantes recordações sobre o último representante do ramo principal dos Bourbons de França.

Descreve o castelo de Frohsdorf, onde passou os seus últimos anos, o pródigo exilado. Innumera especialmente algumas relíquias. «No canto da sala vermelha — diz ele — o lindíssimo retrato de Maria Antonieta feito pela sr.ª Vigée-Lebrun, rasgado por uma lança durante os dias terríveis de Outubro. Mais longe, sobre uma mesa, um soberbo bronze em que revivem as feições populares de Henrique IV. Era a cabeça da antiga estátua do Pont-Neuf, que foi despedaçada durante a revolução, e deitada ao Sena pela plebe em delírio. Encontrada muitos anos depois, foi oferecida ao príncipe por uma delegação dos operários de Paris. Numa das «vitrines», o penacho de Henrique IV, que, particular curioso para a história, era negro; os sapatos da coroação de Luiz XIV enfeitados a prata e com o sol nascente em ouro. Depois, a sala onde o príncipe trabalhava, onde os armários guardavam as relíquias de uma dolorosa época da História de França. Época que, como um fantasma, pairava sobre a família do príncipe exilado e que muitas vezes era discutida. Entre as mais dolorosas relíquias e as mais trágicas recordações estavam a camisa que levava Luiz XVI em 21 de Janeiro de 1823, dia do seu suplício, estava cortada pela tesoura do algoz; o colete branco que conservava ainda os sinais do sangue do rei decapitado, e ainda um sapatinho de Maria Antonieta, perdido ao subir ao patíbulo.

Havia ainda numerosos objectos que ti-

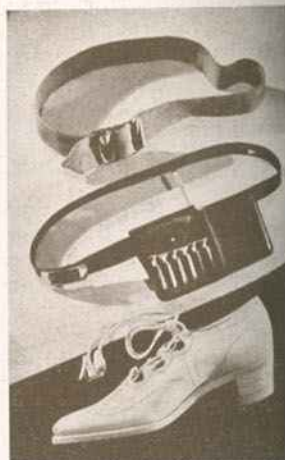


nham pertencido à desgraçada família real, prisioneira no Templo: luvas, livros de orações, miniaturas e leques, que tinham acompanhado nas horas de profunda amargura aqueles que da altura de reinantes de um dos maiores povos, tinham caído à de presos acusados de todos os crimes que tinham sido cometidos pelos reis de França, sendo eles os mais inocentes de todos, as vítimas expiatórias de ódios acumulados durante séculos. Documentos autênticos acompanhavam essas relíquias, designando cada objecto e explicando como êsses lúgubres e tristes vestígios de um angustioso passado tinham sido salvos, e ali lembravam a toda a hora ao descendente das vítimas o que pode ser a sanha dos revoltados contra aqueles que os governaram, embora cheios de boa vontade de acertar.

De mulher para mulher

Velhota: — Nessa idade é forte como diz, o preto é preferível para um vestido de noite. Para usar nas águas não o faça com cauda, apenas até ao chão ficará muito bem.

Ignorante: — Pela sua carta parece-me modestia demasiada, e nada ignorante a considero. É em Viseu, no Museu Grão Vasco, que está esse maravilhoso quadro do grande pintor. É com grande satisfação que respondo sempre às suas perguntas.



desportos

OS FACTOS DA QUINZENA

O fracasso mais uma vez verificado na tentativa de representação olímpica em atletismo, veio pôr em foco novamente certo número de necessidades que todos reconhecem, às quais ninguém procura dar satisfação.

Neste caso do corredor Sarsfield em Los Angeles, as mais graves responsabilidades cabem ao Comité Olímpico Português, que não cuidou dos interesses dos atletas deslocados, preocupando-se unicamente em arranjar vaga na caravana para as criaturas favorecidas pela sua estima particular.

Na escassez de recursos financeiros em que se debatia, o Comité em vez de deslocar dois ou três homens, os melhores, em condições de aproveitamento óptimo das suas facultades, seguiu critério oposto e seleccionou o número máximo dentro das condições piores que era possível. Assim, Sarsfield chegou a Los Angeles na ante-véspera de correr, com uma travessia do Atlântico em que enjoou, precedida de dois dias de combóio e seguida de mais cinco para percorrer a América de ocidente a oriente.



O MADRIDINO RELIEGOS, CAMPEÃO ESPANHOL EM MEIO-FUNDO, E QUE FOI A REVELAÇÃO DO I PORTUGAL-ESPAHIA

Nestas circunstâncias, o que esperava o C. O. P. que Sarsfield fizesse? A quem pertence a responsabilidade do seu insucesso?

Agora, depois da casa roubada, já as afirmações officiosas do Comité vêm concordar com quanto se lhe dizia antes de cometido o erro; reconhecem agora que aos novos homens falta o contacto internacional indispensável para que se possa, sem quebra de valor, alinhar numa competição da responsabilidade do torneio olímpico.

Em atletismo, este contacto internacional está indicado que se realize em primeiro lugar com a vizinha Espanha. Os encontros já realizados em 1925 e 1926 devem retomar seu curso, empregando-se para tal todos os esforços da nossa Federação, auxiliada pelas entidades desportivas oficiais, entre as quais deveria figurar o Comité, cuja missão, bem compreendida, inclui também o estímulo de uma preparação olímpica indispensável à futura representação nos Jogos.

A grande dificuldade que surge sempre a pôr obstáculo ao acôrdo de um Portugal-Espanha em atletismo, é a falta de capitais das respectivas federações e a incerteza das receitas a efectuar.

O interesse desportivo estava assegurado, porque os valores dos dois países nivelam-se no conjunto, como vamos verificar, comparando os resultados dos campeonatos nacionais, espanhol e português:

- 100 m.: Arrévalo, 11 s. 3/10 — Sarsfield, 10 s. 3/5.
 200 m.: Cuñado, 23 s. — Sarsfield, 22 s. 3/5.
 400 m.: Muntaner, 52 s. 3/5 — I. Gomes, 53 s. 1/5.
 800 m.: Ruiz, 2 m. 1/5 — A. Rodrigues, 2 m. 8 s. 4/5.
 1.500 m.: Ruiz, 4 m. 13 s. — M. Dias, 4 m. 17 s. 1/5.
 5.000 m.: Cilleruelo, 16 m. 12 s. — M. Dias, 15 m. 34 s. 1/5.
 10.000 m.: Corpas, 34 m. 21 s. — Almeida, 33 m. 37 s.
 Barreiras, 110 m.: Segurado, 16 s. 2/5 — Palhares Costa, 16 s. 1/5.
 Barreiras, 400 m.: Tugas, 59 s. 1/5 — F. Martins, 62 s. 3/5.
 Steeple, 3.000 m.: Reliegos, 10 m. 28 s. — Não se disputou.
 Altura: Bombardo, 1^m,72 — Aguiar, 1^m,72.
 Comprimento: Altafulla, 6^m,86 — Cabrita, 6^m,52.
 Triplo: Gutierrez, 13^m,40 — Vasconcelos, 12^m,68.
 Vara: Culi, 3^m,40 — Cardoso, 3^m,10.
 Pêso: Erausquin, 11^m,89 — Garnel, 13^m,07.
 Disco: Erausquin, 36^m,43 — Garnel, 38^m,90.
 Dardo: Agosti, 53^m,30 — Cadete, 47^m,27.
 Martelo: Doctor, 42^m,40 — Mendes, 38^m,50.
 4 x 100 m.: Catalunha, 44 s. 9/10 — Sporting, 45 s. 4/5.
 4 x 400 m.: Catalunha, 3 m. 35 s. — Sporting, 3 m. 45 s. 3/5.

Encontramos nove resultados favoráveis à Espanha, sete a Portugal, e um igual, não sendo possível confronto entre as estafetas que no nosso país se disputam por clubs e em Espanha por seleções regionais.

O exame dos números mostra ainda que a luta seria suficientemente dura para que nos trouxesse ensinamentos, sem contudo nos sujeitar a uma disparidade de valores que resultasse em desânimo para os atletas portugueses. Seria muito mais útil para o nosso



ANIBAL RODRIGUES, CAMPEÃO DE PORTUGAL DOS 500 METROS EM 1932

atletismo a disputa de um Portugal-Espanha, do que a remessa, como mercadoria sem valor, de um atleta aos Jogos Olímpicos, para que não foi preparado. Mais útil, e mais barato.

O campeonato olímpico de atletismo, começado sob os melhores auspícios, correspondem até final ao alto nível das primeiras provas.

A luta travada na corrida de 5.000 m., entre o finlandês Lehtinen, *recordman* do mundo, e o americano Hill, *outsider* revelação, tornou emocionante o final da prova e, se Lehtinen venceu por um peito, talvez assim não tivesse sucedido se não houvesse cometido uma falta nítida, metendo-se na linha do adversário no momento da embalagem final. O registo dos tempos parciais da corrida é muito interessante; ei-los, quilómetro a quilómetro: 2.000 metros em 5 m. 44 s., média 2 m. 52 s.; terceiro quilómetro em 3 m. 5 s.; quarto, em 2 m. 46 s.; quinto, em 2 m. 55 s.

Houve, portanto, no andamento, flutuações curiosas que traduzem a tática adoptada; os dois finlandeses Lehtinen e Virtanen partem à cabeça em marcha rápida e, chegando aos dois quilómetros destacados, propõem-se descansar, abrاندando. Isto permite que Hill recole e, sentindo o perigo, Lehtinen parte num andamento tal que percorre o quarto quilómetro em tempo inferior ao despendido com o primeiro! Isso não impediu que o rival se mantivesse a seu lado até à meta.

Para o leitor pouco afeito a estes números



METCALFE E TOLAN, OS DOIS PRIMEIROS NOS 100 METROS PLANOS OLÍMPICOS

e tempos, acrescento que o *record* português do quilómetro é de 2 m. 45 s., e que este ano a mesma distância no concurso de *Os Sports* foi coberto pelo vencedor em 2 m. 48 s., o que significa que não conseguiria acompanhar os campeões olímpicos da légua, durante o seu quarto quilómetro, partindo fresco quando eles já tinham três mil metros nas pernas.

As corridas de estafetas foram ambas ganhas pelos americanos em tempos fantásticos, que pulverizam os antigos *records*: 40 s. para os 4x100 m. e 3 m. 8 s. 1/10 para os 4x400 m.

A primeira destas provas presta-se a algumas considerações interessantes: o homem que partiu nunca poderá ter gasto menos de 10 s. 3/5 nos seus cem metros, ficando, portanto, para os três companheiros, 29 s. 2/5, ou seja uma média de 9 s. 4/5. Não é também lógico supôr que cada um dêles, partindo

parado, possa fazer menos que os 10 s. 3/5 atribuídos ao iniciador da prova; teremos portanto que, pelo facto de partirem embalados, e nas passagens de testemunho, os componentes da *équipe* ganharam sobre o total dos seus tempos habituais 2 s. 2/5, ou seja vinte e três metros!

O tempo da estafeta 4x400 m. melhora de 4,7 s. o antigo *record* e representa uma média de 47 s. por percurso, ou seja o tempo que era *record* do mundo dos 400 m. antes da inauguração dos Jogos.

No programa atlético feminino a superioridade americana foi completa, pois as suas representantes triunfaram em tôdas as provas.

O torneio olímpico de natação foi um duelo quasi exclusivo entre japoneses e americanos; os primeiros ganharam tôdas as provas masculinas, excepto os 400 m. livres; os segundos venceram êstes 400 metros, tôdas as provas de saltos e as provas femininas, com a excepção única dos 200 metros bruços.

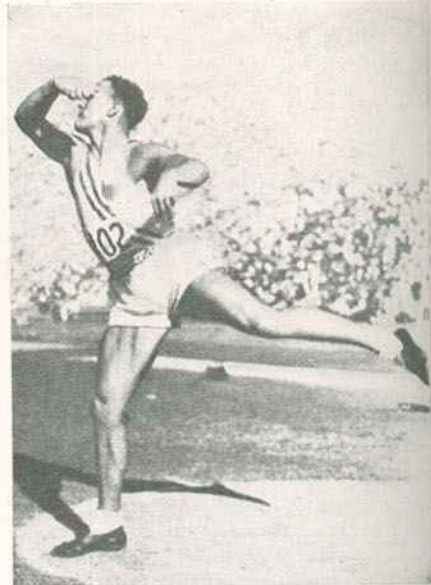
O melhor europeu foi Taris, que se classificou 2.º nos 400 m., a 1/10 de segundo do vencedor, e a melhor representante do velho continente foi a holandesa Den Ouden, 15 anos, segunda chegada nos 100 m. livres, em 1 m. 7 s. 5/10, tempo que nenhum nadador português é capaz de alcançar.

É curioso registar os lugares obtidos nos finais masculinos pelos japoneses e americanos; como é sabido, cada país podia inscrever apenas 3 homens por prova. Nenhum nadador japonês acumulou provas, cada um disputando apenas uma corrida.

Kitamura, vencedor dos 1.500 m., tem quatorze anos e meio, e Makino, que se lhe segue, 16 anos.

Nos 100 m. livres o Japão conquistou o 1.º, 2.º e 5.º lugares; 3.º, 4.º e 6.º para os americanos.

Nos 400 m. livres: 3.º, 4.º e 5.º, japoneses; 1.º, americano; 2.º, francês, e 6.º, australiano.



O AMERICANO ANDERSON, CAMPEÃO OLÍMPICO DO LANÇAMENTO DE DISCO: 29,48

Nos 1.500 m. livres: 1.º e 2.º, japoneses; 3.º e 5.º, americanos; 4.º, australiano, e 6.º, francês.

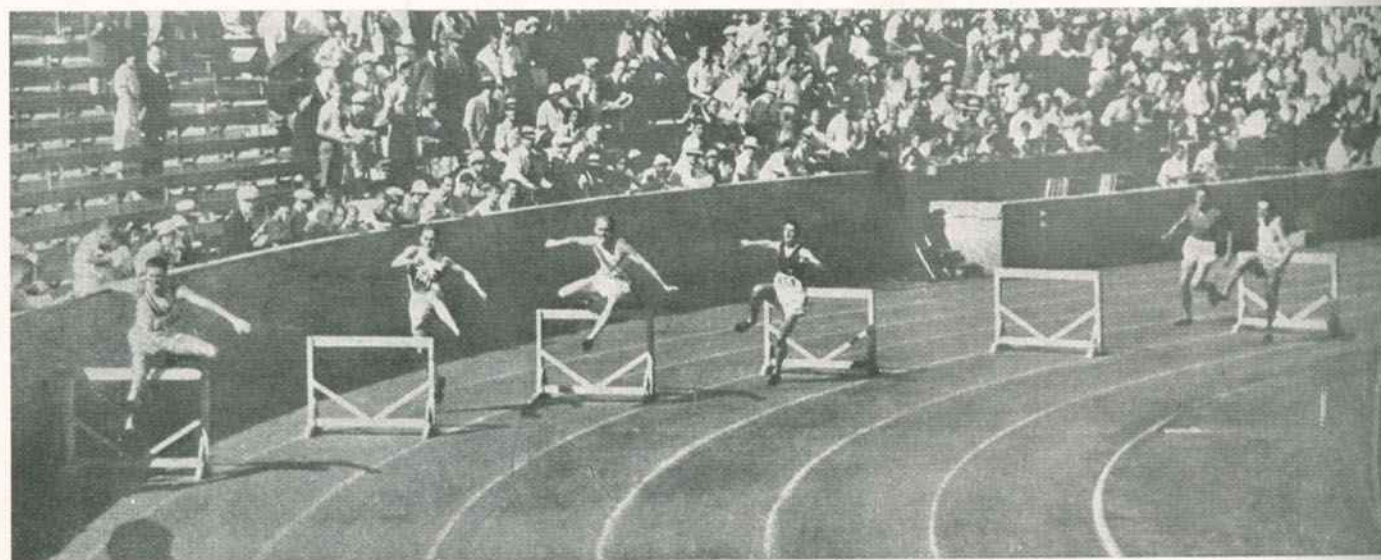
Nos 100 m. costas: 1.º, 2.º e 3.º, japoneses; 4.º e 6.º, americanos; 5.º, alemão.

Nos 200 m. bruços: 1.º, 2.º e 6.º, japoneses; 3.º e 5.º, filipinos; 4.º, alemão.

O Japão venceu ainda a estafeta 4x200 m., seguido pelos americanos e húngaros.

Para avaliar os progressos da natação desportiva basta saber que os 400 m. olímpicos foram ganhos há oito anos, em Paris, por Weissmuller, em 5 m. 4 s. 1/5, e há quatro anos em Amsterdam, por Zorilla, em 5 m. 1 s. 3/5. O australiano Charlton foi, da primeira vez, terceiro, em 5 m. 6 s. 3/5, e da segunda, 2.º, em 5 m. 3 s. 3/5; pois este mesmo ano, agora em Los Angeles, melhorando os seus tempos para 4 m. 58 s. 3/5, o que das outras vezes o faria campeão olímpico, foi apenas 6.º na final!

Salazar Carreira.



A FINAL DOS 400 METROS, EM BARREIRAS, NO STADIUM DE LOS ANGELES

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se com muito brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Ofélia Feio Valente de Oliveira, gentil filha da sr.^a D. Alzira Feio Valente de Oliveira e do sr. Manuel Maria de Oliveira, com o distinto alferes de cavalaria sr. Francisco José de Faria Hintze Ribeiro Nunes, filho da sr.^a D. Maria Rita Serrão de Faria Pereira Hintze Ribeiro Nunes e do sr. Artur Hintze Ribeiro Nunes.

Foram madrinhas a prima da noiva sr.^a D. Natália de Carvalho Ferro e a mãe do noivo e padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo, sr. José Serrão de Faria.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida 5 de Outubro, um finíssimo lanche, partindo os noivos de automóvel para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência notavam-se as sr.^{as}:

D. Maria Rita Serrão de Faria Pereira Hintze Ribeiro Nunes, D. Amélia Van-Zeller Serrão de Faria, D. Teresa Beatriz Hintze Ribeiro Nunes, D. Bernardina Serrão de Fa-

ria Pereira, Senhora de Trigo, D. Cristina Cabral Calheiros, Senhora de Melo Correia, D. Emília Feio, D. Palmira Feio de Carvalho, D. Natália Feio, D. Siomara Casse Mendes, D. Natália de Carvalho Ferro, D. Ofélia Carvalho da Silva, D. Alice Feio, D. Francisca Romana da Silva Carvalho, D. Silvina Oliveira Antão, D. Isabel Maria Velez, D. Lúcia Marrecas, D. Clotilde e D. Lídia Oliveira Santos, D. Helena Silva, D. Maria Manuel Carvalho Feio, D. Noémia de Oliveira, D. Julieta Feio, D. Maria Isabel de Oliveira, etc., etc.

E os sr.s:

José Serrão de Faria, Pedro Ferro, Artur Silva Carvalho, Capitão Pimenta, José Santos, Octávio Silva, Alberto Feio, Alferes José Serrão de Faria Hintze Ribeiro Nunes, Armando Feio, Sargento-cadete Manuel Serrão de Faria Hintze Ribeiro Nunes, Henrique Costa, Noel de Oliveira, Carlos de Vansconcelos e Sá, etc.

Os ilustres donos da casa foram incansáveis de amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratíssimos com a forma como foram recebidos.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia de Santa Isabel o casamento da sr.^a D. Neomira Virgínia Baptista dos Reis, interessante filha da sr.^a D. Virgínia Telles dos Reis e do sr. João Baptista dos Reis, com o sr. Joaquim Gonçalves de Lima, filho da sr.^a D. Belmira Gonçalves de Lima e do sr. Zacarias Gomes de Lima, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na Sé Catedral de Leiria, sendo celebrante Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo da diocese, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se o casamento da sr.^a D. Isabel Augusta Beltrão Benevides Ayres, gentil filha da sr.^a D. Maria do Céu de Lucena Beltrão Benevides Ayres e do saudoso lente da Universidade de Coimbra, sr. dr. Bernardo Ayres, com o distinto elfinico de Lisboa, sr. dr. Duarte Manuel Gorjão Henriques da Cunha, filho da sr.^a D. Maria José Barbosa Gorjão Henriques da Cunha e do sr. D. Nuno Rafael Gorjão Henriques da Cunha.

Serviram de madrinhas as tias paternas da noiva, sr.^{as} D. Flora do Vale Guimarães Ayres



CASAMENTO DA SR.^a D. OFÉLIA FEIO VALENTE DE OLIVEIRA COM O ALFERES DE CAVALARIA SR. FRANCISCO JOSÉ HINTZE RIBEIRO NUNES, REALIZADO NA PARÓQUIA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA



A SR.^a D. NEOMIRA VIRGÍNIA BAPTISTA DOS REIS E O SR. JOAQUIM GONÇALVES DE LIMA, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA PARÓQUIA DE SANTA ISABEL

de Azevedo e D. Maria Cristina Bandeira de Melo Gonçalves Ayres de Azevedo, e de padrinhos os sr.s. Luiz Gorjão Henriques da Cunha e Francisco Rafael Pinheiro Gorjão Henriques, irmão e primo do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da mãe da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento, em Beja, pelo coronel sr. Duarte Veiga, ilustre comandante do regimento de sapadores mineiros, para o distinto advogado e contador daquela comarca, sr. dr. Carlos Lobo de Oliveira, a sr.^a D. Maria Judith Carneiro da Fonseca, interessante filha da sr.^a D. Ana Raquel Carneiro da Fonseca e do sr. João Mendes Lança da Fonseca.

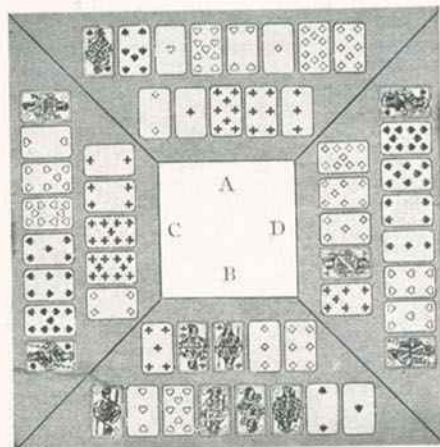
A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

Baptizado

Na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta, realizou-se o baptizado do menino José Manuel, gentil filhinho da sr.^a D. Emmie Polnay de Castelo Lopes e do sr. José Castelo Lopes, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Elvira Dêes de Gurt e de padrinho seu tio materno, o sr. Ivan George Polnay de Tizasuly.

D. Nuno.

PROBLEMA DE BRIDGE



Trunfo é copas. D começa o jogo pelo 6 de copas. A-B fazem doze vasas.

A IMPRESSÃO DIGITAL

Embora geralmente associadas à ideia de prisão de criminosos, as impressões digitais usavam-se já há dois mil anos pelos chineses, simplesmente como um meio de se provar a identidade. Uma impressão do polegar substituía a assinatura escrita, no lugar desta, como é o costume entre as classes ignorantes na Índia e em qualquer outra parte, hoje. Purkenje, professor de fisiologia, sugeriu, em 1823, um sistema de identificação e Sir William Herschel e Sir Francis Galton continuaram esse trabalho, o qual levou por fim ao sistema definitivamente inventado por Sir Edward Henry, e que hoje é usado pelas organizações policiais, através do mundo inteiro. A probabilidade de serem idênticas duas impressões digitais é uma em cada sessenta e quatro bilhões.



Para isso, o que há a fazer é traçar neste quadrado um rectângulo e dividir esse rectângulo em oito partes iguais e simétricas. Recortar depois o rectângulo e tornar a colocar os pedaços recortados numa ordem tal que a silhueta a reconstituir se venha a destacar em branco sobre um rectângulo preto.

ANEDOTAS

A dona da casa, à nova criada de cozinha:
— Não será possível, vocemecê levantar-se mais cedo?
— É sim, minha senhora; se a senhora quiser ter a bondade de me chamar.

Falava-se, em um dos círculos políticos de Lisboa, num conhecido homem público, foragido do seu antigo partido, para um outro recentemente formado:

— É uma verdadeira ventoinha, concluiu um dos presentes.
— O meu amigo é injusto com as ventoinhas, observou-lhe outro, que tomava parte na conversa, porque não são elas que mudam... é o vento.

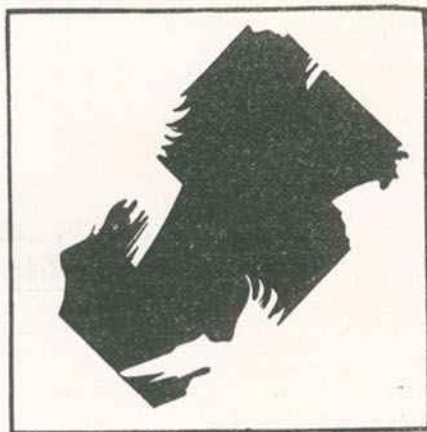
Examinador:— Que planetas eram conhecidos pelos nossos antepassados?

Examinando:— Venus, Jupiter e... creio que também a Terra; mas não tenho a certeza.



SILHUETA ENIGMÁTICA

Esta mancha que publicamos, à primeira vista não tem nada de particular. Todavia, se os nossos leitores souberem dar-lhe um



certo jeito, poderão reconstituir a silhueta de um pássaro exótico.

Para isso, o que há a fazer é traçar neste quadrado um rectângulo e dividir esse rectângulo em oito partes iguais e simétricas. Recortar depois o rectângulo e tornar a colocar os pedaços recortados numa ordem tal que a silhueta a reconstituir se venha a destacar em branco sobre um rectângulo preto.

XADREZ

(Solução)

As brancas devem jogar 1 — B 6 B R e as pretas devem comer o Bispo; então as brancas jogam 2 — R 8 B R, as pretas jogam o peão, e o cavalo branco dá o mate.



Ela:— Ouça lá, você não é aquela interessante rapariga a quem eu dei um beijo, ontem à noite, na esplanada?
Ela:— A que horas?

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I											
II											
III											
IV											
V											
VI											
VII											
VIII											
IX											
X											
XI											

Horizontalmente:

I — Letra do alfabeto. — Embocadura. II — É, em latim. — Pedra redonda (pl.). III — Artigo (pl.). — Corpo simples. — Rio de Itália. IV — Nota de música. — Expeli. — Proposição. V — Medida de superfície. — Som repetido. VI — Agastamento. — Interjeição. VII — Sufixo que designa diminuição. — Freira. VIII — Preposição. — Espessa. — Preposição e artigo. IX — Forma popular de nada. — Imaginar. — Fluido. X — Unidade de tempo. — Braço de rio. XI — Gavinha. — Sufixo que designa abundância.

Verticalmente:

1 — Peça do jogo de xadrez. — Rio de França. 2 — Nota de música. — Ruim (fem.). 3 — Pronome. — Virola. — Outra coisa. 4 — De cor verde. 5 — Tem medo. — Cantor grego. 6 — Pronome. — Ponto colateral (abrev.). 7 — Fôscio. — Acaso. 8 — Escritor de folhetos. 9 — Artigo (pl.). — Capa. — O primeiro. 10 — Base. — Concede. 11 — Cidade da Itália. — Oportunidade.

COINCIDÊNCIAS

Na noite de 10 para 11 de Junho de 1905, o rei Alexandre I, da Sérvia, e a rainha Draga foram mortos a tiro e espedaçados por um grupo de oficiais que depois atiraram os cadáveres pela janela.

A rainha foi também ferida pelo major Kostich, com a ponta duma espada envenenada. Quando o Exército proclamou rei Pedro Karageorgevitch, descendente directo de Jorge o Negro, fundador da independência sérvia, o major Kostich solicitou o cargo de ministro da Guerra. A sua candidatura foi rejeitada e breve êle caía em desfavor completo.

Perseguido pela recordação da noite trágica, o matador resolveu desembaraçar-se da famosa espada. Fêz presente dela a um coronel seu amigo, o qual, sem interesse de conservar a arma, a deu a um jovem diplomata. É êste, dentro de poucos meses, perdeu a mãe, o pai e um irmão.

Em 1916, foi a célebre espada comprada por um coleccionador americano; alguns dias depois, fugia-lhe de casa a esposa. Passou a arma para as mãos dum industrial inglês; logo depois era êste apanhado por uma correia da sua fábrica e gravissimamente ferido.

Assim que saíu da casa de saúde, resolveu o industrial oferecer a espada maldita a um museu; até à data, porém, do jornal donde extraímos estas notas, nenhum conservador ou director se mostrava disposto a colocar nas suas vitrines tal preciosidade...

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado 10\$00
 Encadernado luxuosamente 18\$00

34.º — ANO — 1933

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' VENDA EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS

A 2.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00



PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

DICIONÁRIO DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com
cêrca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

**VOCABULÁRIO
DE
TERMOS TÉCNICOS**

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

Pelo correio, registado, mais **2\$00**

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 pags., brochado . . . **12\$00**

Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

**O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
no alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

**Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À

**S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA**

**NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA**

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real
Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia
de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de linguística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos completos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS À S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

**INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA**

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

COLEÇÃO FAMILIAR

VOLUME
BRÓCHADO
Esc. 7\$00**P. B.**VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN**Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.**

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOAA' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'este livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher.»

— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00Encadernado **14\$00**Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de mortePOR **BLASCO IBAÑEZ***Um dos mais interessantes livros deste autor*1 volume de 384 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . . . **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Saíu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO2 volumes de 594 páginas, brochado **20\$00**
Encadernado **28\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Saíu a nova edição

**ESTUDOS SOBRE
O CASAMENTO CIVIL**

POR

ALEXANDRE HERCULANO1 volume de 284 paginas } brochado **10\$00**
encadernado **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. **25\$00****LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS
POR
MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo,
com 90 grandes ilustrações
de Bordallo Pinheiro, repro-
duzidas pela photogravura,
além d'outras inseridas no
texto. Impressão a preto e
côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS À
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

*Um dos mais notáveis livros da literatura
romântica contemporânea em toda a Europa*

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO
DA LINGUA PORTUGUESA**

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

**Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial**

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesoiro do pensamento humano

COLLECÇÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS
E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS ME-
LHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

POR **Morais Leal**

446 assuntos—1361 autores—Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, pro-
cura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literá-
rio, era há muito sentida.

Em tôdas as línguas cultas existem obras similares, e o
apreço em que o público as tem, pode avaliar-se facilmente
pelo número das edições, que rapidamente se exgotam,
dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poder-
íamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso,
que figuram nos catálogos das melhores livrarias estran-
geiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa
e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos
e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que
acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros
de maior expansão literária.

Na BIBLIA DA VIDA, a selecção dos pensamentos, máxi-
mas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e
modernos foi feita com o maior escrupulo, observando-se
nela o conselho de Thomereau: *o pensamento de três linhas,
que não deixar no espirito a impressão de que poderia con-
sagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão,
juçamo-la também interessantíssima para os que apreciam
as boas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos erudi-
tos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida
biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o
espirito da mulher.

Com este livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE
ENC. 17\$00; BR. 12\$00

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

**SE QUERES VIVER,
DESPERTA E LUTA!**

ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

POR
ELICK MORN

1 VOLUME DE 268 PÁGINAS, BROCHADO, **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA

Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL



O SORRISO ALEGRE DA CRIANÇA

A vida é cheia de sol e felicidade para esta criança.

Ela é feliz, tem saúde, porque recebe a alimentação conveniente no período do crescimento. É a OVOMALTINE que toma todos os dias ao pequeno almoço, que lhe proporciona o bem estar, que a alimenta e fortifica.

Uma única chavena desta deliciosa bebida é para uma criança o tónico ideal.

A venda em todas as farmácias, drogas e boas mercearias

Latas de 110 grs. 85\$00
" " 250 " 1\$500
" " 500 " 30\$000



DR. A. WANDER
S. A. BERNÉ
Únicos concessionários
para Portugal
ALVES & C.ª (Irmãos)
Rua dos Correiros,
41, 2.ª
LISBOA